

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO- UFMA
CENTRO DE CIÊNCIAS, EDUCAÇÃO E LINGUAGENS
CURSO DE LICENCIATURA EM CIÊNCIAS HUMANAS/SOCIOLOGIA**

GIRLENE BEZERRA DA SILVA

**VIOLÊNCIA ESCOLAR: REPRESENTAÇÕES DE PROFESSORES DO
ENSINO FUNDAMENTAL DE ESCOLAS MUNICIPAIS DE BACABAL-
MA**

BACABAL-MA

2021-1

GIRLENE BEZERRA DA SILVA

**VIOLÊNCIA ESCOLAR: REPRESENTAÇÕES DE PROFESSORES DO
ENSINO FUNDAMENTAL DE ESCOLAS MUNICIPAIS DE BACABAL-
MA**

Monografia apresentada junto ao curso de Ciências Humanas da Universidade Federal do Maranhão, Centro de Ciência, Educação e Linguagens-UFMA, para a obtenção do grau de Licenciada em Ciências Humanas com habilitação em Sociologia.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Maria José dos Santos

BACABAL- MA

2021-1

Ficha gerada por meio do SIGAA/Biblioteca com dados fornecidos pelo(a) autor(a).
Diretoria Integrada de Bibliotecas/UFMA

BEZERRA DA SILVA, GIRLENE.

VIOLÊNCIA ESCOLAR: REPRESENTAÇÕES DE PROFESSORES DO
ENSINO FUNDAMENTAL DE ESCOLAS MUNICIPAIS DE BACABAL- MA /
GIRLENE BEZERRA DA SILVA. - 2020.

73 p.

Orientador(a): MARIA JOSÉ DOS SANTOS.

Monografia (Graduação) - Curso de Ciências Humanas -
Sociologia, Universidade Federal do Maranhão, BACABAL,
2020.

1. ESCOLA. 2. REPRESENTAÇÕES. 3. VIOLÊNCIA ESCOLAR.
I. DOS SANTOS, MARIA JOSÉ. II. Título.

GIRLENE BEZERRA DA SILVA

**VIOLÊNCIA ESCOLAR: REPRESENTAÇÕES DE PROFESSORES DO
ENSINO FUNDAMENTAL DE ESCOLAS MUNICIPAIS DE BACABAL-
MA**

Monografia apresentada junto ao curso de Ciências Humanas da Universidade Federal do Maranhão, Centro de Ciência, Educação e Linguagens-UFMA, para a obtenção do grau de Licenciada em Ciências Humanas com habilitação em Sociologia.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Maria José dos Santos

Aprovado em ____ / ____ / ____

Banca examinadora

Prof. Dra. Maria José dos Santos- Presidente
CH/CCL/ UFMA Bacabal

Prof. Dr. Wheriston Silva Neres
CH/CCC/UFMA Bacabal (Examinador)

Prof. Dra. Rachel Tavares de Moraes
LLC/ Música –UFMA São Bernardo (Examinador)

Prof. DR. Adriano Jorge Torres Lopes

CH/ CCEL/ UFMA Bacabal (suplente)

AGRADECIMENTOS

Sinto muito feliz e agradecida por estar concluindo mais um ciclo em minha vida.

Ao longo desta jornada ocorreram vários desafios os quais foram vencidos com a ajuda de Deus, familiares e amigos, quero agradecer a todos que fizeram parte desta jornada.

Em primeiro lugar quero agradecer a Deus por ter me dado à benção de poder estudar em uma Universidade e concluir este curso, e a força para vencer os desafios diários.

Agradeço aos meus familiares pelo apoio e seu amor incondicional, sem vocês não teria conseguido, pois são os que mais acreditaram em meu sonho.

Quero agradecer também à minha querida orientadora Maria José pela dedicação e paciência ao longo do desenvolvimento deste trabalho, me fazendo acreditar que eu era capaz.

Agradeço as minhas três amigas que fiz no decorrer desta jornada Eliúde, Leticia e Thayane que estavam sempre presentes nos momentos difíceis e alegres dividindo sorrisos e angústias.

RESUMO

O fenômeno da violência escolar há algum tempo se encontra presente no interior da escola, causando diversos transtornos para a comunidade escolar, dada a importância de se refletir sobre este tema, a presente pesquisa teve por objetivo compreender as representações sobre violência escolar, a partir do olhar de professores do Ensino Fundamental de duas escolas públicas municipais de Bacabal- MA. Refere-se a uma pesquisa de campo de cunho qualitativo, o instrumento da coleta de dados foi a entrevista, participaram desta pesquisa 17 professores de duas escolas municipais de Bacabal. Para análise dos dados foi utilizado os conceitos de Charlot (2002) violência da/na/ á escola. Constatou-se neste trabalho que as representações formadas pelos professores são construídos levando aspectos da sociedade que ocorrem no seu cotidiano, principalmente associadas à aspectos morais. Entre as definições de violência os professores apresentam uma visão que vai além do senso comum de ver a violência apenas como física, mas engloba aspectos como falta de respeito e a violência psicológica. As principais formas de violência citadas pelos professores no interior da escola referem-se a física e verbal.

PALAVRAS CHAVES – Escola. Violência Escolar. Representações.

ABSTRACT

The phenomenon of school violence has been present within the school for some time, causing various inconveniences for the school community, given the importance of reflecting on this theme, this research aimed to understand the representations of school violence, from the perspective of elementary school teachers from two municipal public schools in Bacabal-MA. It refers to a qualitative field research, the instrument of data collection was the interview, 17 teachers from two municipal schools in Bacabal participated in this research. For data analysis, the concepts of Charlot (2002) violence from/in/on the school were used. It was found in this work that the representations formed by the teachers are built taking aspects of society that occur in their daily lives, mainly associated with moral aspects. Among the definitions of violence, teachers present a view that goes beyond the common sense of seeing violence only as physical, but encompasses aspects such as lack of respect and psychological violence. The main forms of violence mentioned by teachers inside the school refer to physical and verbal.

KEYWORDS – School. School violence. Representations.

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 Alunos / Idade UEFUS	40
Tabela 2 Alunos/ Idade UEFDEA	44

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1: Escolaridade da mãe.....	41
Gráfico 2: Escolaridade do Pai.....	41
Gráfico 3 Escolaridade dos pais dos alunos da UEFDEA.....	44
Gráfico 4 Escolaridade das mães dos alunos da UFDEA.....	45

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 Quadro demonstrativo/ Perfil dos professores- Escola UEFDEA.....	46
Quadro 2 Quadro demonstrativo/ Perfil do Professor-- Escola UEFUS	46
Quadro 3: Violência (s): sentidos apontados pelos professores	48
Quadro 4 - Formas mais comuns de violência (s)	53

LISTA DE SIGLAS

EJA- Educação de jovens e adultos

GEAP- Grupo Especial de apoio às Escolas

IBGE- Instituto Brasileiro Geografia e Estatística

IFMA – Instituto Federal do Maranhão

LDBN- Lei de Diretriz e Base da Educação

OGNS - Organização não Governamentais

PENSE- Pesquisa Nacional de Saúde Escolar

PMMA- Polícia militar do Maranhão

PROERD- Programa Educacional de Resistência as Drogas

SEMED- Secretária Municipal de Educação

UEMA – Universidade Estadual do Maranhão

UFMA – Universidade Federal do Maranhão

UNESCO – Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	13
2 VIOLÊNCIA (S) UM FENÔMENO E SUAS ACEPÇÕES: A busca por sentidos, significações	17
2.1. Violência(s) social e escolar: enredos e discursões em pauta.....	17
2.2 A violência escolar: discussão o olhar francês.....	22
2.3 A violência escolar no contexto da educação Brasileira: apontamentos e reflexões.....	25
3. OS CENÁRIOS EM DEBATE: escolas municipais e a violência escolar	35
3.1 A escola UEFUS.....	38
3.2 Amostra representativa sobre as características dos estudantes da Escola UEFUS.....	40
3.3 A escola UEFDEA.....	42
3.4 Amostra representativa sobre as características dos estudantes da Escola UEDEA.....	43
3.5 Conhecendo os sujeitos da pesquisa: Os Professores.....	46
4.VIOLÊNCIA ESCOLAR NA REDE MUNICIPAL DE ENSINO DE BACABAL: SENTIDOS E REPRESENTAÇÕES DOCENTES SOBRE O FENÔMENO	48
4.1- Sentidos atribuídos à violência e a violência escolar.....	48
4.2 Principais formas de violência encontradas na escola segundo os professores.....	52
4.2.1 Violência da escola.....	54
4.2.2 Violência na escola.....	54
4.2.3 Violência à escola.....	55
4.3 – O aluno violento na percepção dos docentes.....	56
4.4 Práticas adotadas pelos os professores e a escola para o enfrentamento da violência escolar.....	56
CONSIDERAÇÕES FINAIS	63
REFERÊNCIAS	65
ANEXO	69
APÊNDICES	73

1 INTRODUÇÃO

Violência, problema social, presente nas relações em sociedade. Não sendo um fenômeno recente, porém nos últimos anos vem obtendo bastante notoriedade. A violência se constitui em um fenômeno complexo, o qual envolve várias questões sociais, políticas, econômicas, ideológicas, apresentando-se de maneira diversificada, se manifestando em vários setores da sociedade de forma real ou simbólica, inclusive no ambiente escolar, espaço este abordado por este estudo.

A escola, desde o seu surgimento passou por diversas transformações e na modernidade, depois da família, se constitui uma das instituições mais importantes no processo de socialização das crianças, desempenhando função que vai além da de transmitir conhecimentos. Contribuindo também para a formação plena dos cidadãos, ela se torna um local privilegiado para desenvolver os conhecimentos que a sociedade considera importante e os valores humanos.

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, (LDBN - 9394/ 96), no Art.02 destaca que “A educação, é dever da família e do Estado, inspirados nos princípios de liberdade e nos ideais da solidariedade humana, tem por finalidade o pleno desenvolvimento do educando, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho”. (BRASIL 2018, p.08). O que vai exigir a aquisição de conhecimentos cognitivos que possibilitem a interpretação do contexto social, da realidade vigente, por parte dos indivíduos em processo de educação escolar. Nesse sentido, importa ressaltar que diversos fatores como a falta de investimento, a desvalorização dos professores e entre estes, a violência escolar, afetam o desempenho da função da escola, fragilizando-a como local de diálogo e construção do saber.

Ao se refletir sobre o papel exercido pela escola, pode até soar estranho se falar em violência escolar, visto sua imagem estar atrelada a ideia de ser esse um local de fazer amizades, que congrega a representação da infância como inocência, o que acaba por gerar angustia social. Charlot, (2002), pondera sobre a função designada a escola, alertando que esta, deste o seu início, foi marcada pela exclusão das camadas sociais menos favorecidas, se constituindo em uma educação símbolo de status e interesse da classe dominante, configurando assim em um modo de violência. Corrobora esse pensamento, Romanelli (1987 p. 24) ao afirmar que, “A necessidade de manter os desníveis sociais teve desde então na educação escolar um instrumento de reforço das desigualdades”.

Nesse sentido, pode-se inferir que a função da escola se reverte no papel de ajudar e manter privilégios de classes, configurando uma forma de violência do próprio sistema escolar.

A violência escolar se expressa ou se materializa em diferentes modalidades, existindo as violências que estão relacionadas aos impactos da conjuntura atual da sociedade em geral, mas também há a violência produzida pela própria escola, decorrente de suas atividades. Neste trabalho nos interessa sem, no entanto, perder de vista o contexto mais amplo, as violências da/na/e sobre a escola, as quais serão tratadas no decorrer da escrita.

Sposito (2001) no balanço feito sobre violência escolar no Brasil destaca que a partir da década de 1980 o tema passou a ter maior relevância nacional, sendo que as violências concebidas nesta época eram ações de depredação do patrimônio escolar, invasões e ameaças de alunos e professores. Já na década de 1990, o tema passa a ter maior amplitude, tornando evidente as agressões físicas entre alunos.

Nas últimas décadas, a sociedade passou por diversas mudanças, a diversidade de formas de violência aumentou, e o interesse pelo o tema cresceu de forma significativa. A Pesquisa Nacional de saúde escolar- PENSE (2015) realizada pelo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), com alunos do 9º (nono) ano do ensino fundamental nas capitais do país, constatou que 15% dos alunos da rede pública deixaram de ir à escola pelo menos um dia anterior aos 30 dias antes da realização da pesquisa, por não se sentirem seguros no trajeto casa e escola; e, 9,5% por não se sentirem seguros no ambiente escolar, demonstrando o quanto a violência tem afetado a vida dos jovens em relação à escola. Compreender a violência escolar, suas facetas são essenciais, pois atinge umas das instituições mais importantes para o ser o humano.

Abromovay e Rua (2002) destacam que dentre os problemas decorrentes da violência escolar, está o enfraquecimento das relações professor e aluno, interferindo na qualidade das aulas e aprendizagem dos alunos, provocando evasão escolar, sentimento de insegurança entre pais e professores, estes últimos, em muitos casos chegam a adoecer fisicamente, psicologicamente, em algumas ocasiões abandonam a sala de aula. Toda essa problemática apresentada compromete bastante o papel social que a escola exerce ao mesmo tempo em que traz desesperança para as classes populares que tem na escola pública a esperança de ascensão social.

O presente estudo se revela necessário, dada a urgência de se conhecer melhor o fenômeno da violência escolar, especificamente, em escolas de Bacabal, município localizado na Região do Médio Mearim maranhense. Objetivando contribuir para se pensar melhor a

escola e seu entorno, as relações estabelecidas no (s) espaço (s) escolar (es) e seus eventuais efeitos que vem produzindo um cotidiano, por vezes tenso e conflituoso, para o qual é preciso, não apenas um olhar atento, mas a busca de alternativas para seu enfrentamento.

Nesta perspectiva a presente pesquisa tem como objetivo geral: Compreender as representações sobre violência escolar, a partir do olhar de professores do ensino fundamental de duas escolas públicas municipais de Bacabal- MA. Tendo como objetivos específicos primeiro, mapear as formas de violência na escola a partir das vozes dos professores; depois, analisar os tipos de violência pontuados pelos professores e por fim, identificar as representações presentes nas formas de violência pontuadas pelos os professores.

Para o alcance dos objetivos propostos, buscou-se reunir informações/dados junto a instituições escolares e órgãos municipais em Bacabal, com o propósito de entender a problemática da violência escolar, questionando principalmente a forma como essa é assimilada no contexto escolar pelos docentes. Embora existam vários estudos sobre o tema em todo o Brasil, entendemos ser necessário buscar compreender como essa problemática se apresenta dentro do contexto das escolas municipais de Bacabal, pois cada novo estudo traz novas contribuições, uma vez que a realidade de cada escola é única, é diferente e a busca por desvelar algumas nuances dessa realidade, poderá apontar caminhos para um (re) pensar as rotinas escolares, instituir outros jeitos de planejar e construir o cotidiano.

Meu interesse, em estudar o tema da violência, se assenta primeiramente, no fato de a mesma se manifestar em um ambiente que possui representação como local de aprendizagens e de construção de laços de amizades. Outro fator que contribuiu para aguçar ainda mais este interesse foram alguns casos do cotidiano escolar, observado durante os estágios no ensino fundamental, em que pude presenciar agressões físicas e verbais entre os alunos, assim como atitudes de pais que chegavam exaltados com os professores, na escola.

A pesquisa se caracteriza de cunho qualitativo, pois segundo Minayo (2002), este modelo trabalha com o universo de significado, motivos, aspirações, crenças, valores, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos a variáveis. Optou-se por trabalhar com a entrevista, escolhida como principal técnica de coleta de dados, por se apresentar de forma bastante flexível. Conforme (GIL, 2008, p, 110) “A entrevista possibilita a obtenção de dados referentes aos mais diversos aspectos da vida social”. Através dela o pesquisador obtém dados objetivos e subjetivos. Neste sentido a aplicação da entrevista possibilitou compreender a forma em que os professores veem a violência no ambiente escolar, reconhecendo a existência desta no cotidiano das escolas considerando-as como física, verbal e falta de respeito entre alunos, ao

mesmo tempo é possível observar o receio de alguns entrevistados ao abordar este tema por atingir um espaço social muito importante.

Destarte, este trabalho se encontra dividido em três capítulos, no primeiro capítulo fazemos uma discussão teórica sobre a violência social que transpassa a sociedade em diferentes contextos, por meio de uma abordagem sociológica a partir da investigação do fenômeno da violência escolar por alguns dos principais autores que estudam a questão no país. Assim, construímos nossos argumentos neste capítulo, nos fundamentando em Zaluar (1999, 2001); Chauí (2011,2017); Sposito (2001); Abromovay (2002, 2006, 2018); Tavares dos Santos (2004), dentre outros. Charlot (2002), e Derbabeix (2006), são importantes por serem referência nesses estudos a partir de dados e reflexões do cenário de violência (s) em França. Entendemos que, as análises dos autores nos ajudam a compreender melhor o objeto em questão, mesmo se tratando de realidades diferentes, a forma como abordam o fenômeno é importante para construção e análise dos dados neste trabalho.

O segundo capítulo é dedicado à exposição da metodologia utilizada na pesquisa. Os caminhos percorridos e o como foi traçado todo esse trajeto. Neste capítulo apresentamos a caracterização das escolas pesquisadas e os sujeitos que compõem a comunidade escolar. As escolhas metodológicas são apresentadas com os critérios de suas escolhas, justificando essa trajetória em estudos de autores como Abromovay (2009); Charlot (2002); Cartelli JR, Di Pierro (2019); Carvalho (2018). Sposito (2001); Santos (2001).

No terceiro capítulo, com base na análise e interpretação dos dados construídos na pesquisa, apresentamos a percepção dos professores, interlocutores neste trabalho, sobre a violência escolar. Observamos que alguns professores ao demonstrarem as principais formas de violência que ocorrem na escola, chegam a ressaltar que não ocorrem casos graves de violência física, mas é perceptível um número significativo de casos de violências verbais. Neste capítulo, procuramos estabelecer diálogos entre o dito pelos professores e a bibliografia trabalhada nos outros capítulos, buscando nesse diálogo, expor a compreensão de violência, a partir das representações, presentes nas falas dos nossos interlocutores.

Por fim, na conclusão são pontuadas as representações reveladas através da entrevista realizada com os professores, estas representações decorrem do contexto social ao quais estão inseridos, assim nossos interlocutores ao fazerem a conceituação da violência escolar levam em considerações aspectos do dia-dia, do contexto social mais amplo como questões culturais, econômicas, políticas, dentre outras.

2 VIOLÊNCIA (S) UM FENÔMENO E SUAS ACEPÇÕES: A busca por sentidos, significações

Este capítulo tem por finalidade fazer algumas reflexões a partir do conceito de violência e violência escolar, ressaltando o contexto da sociedade brasileira marcada pela violência em suas diferentes formas. São pontuados dados de algumas pesquisas sobre a violência realizadas por órgãos e instituições no país, buscando compreender a forma como o fenômeno é abordado, e como se manifesta no ambiente escolar. O capítulo, embora não tenha como foco a violência social, não pode excluir tal questão do debate, considerando a importância das dimensões sociais, políticas, econômicas, etc, para a compreensão dos fatos ocorridos no interior e no entorno do espaço escolar. A escola não é uma ilha, enquanto instituição social faz parte do tecido social como todo sofre e influencia o que nele acontece.

Apresentamos também a contribuição de autores franceses, Charlot (2002) e Derbabeux (2006), pois são autores que possuem conceituações importantes sobre o tema possibilitando o entendimento de quais atos que ocorrem na escola podem ser denominados de violência escolar, conceitos importantes para análises dos dados obtidos no decorrer da pesquisa.

2.1 VIOLÊNCIAS (S) SOCIAL E ESCOLAR: ENREDOS E DISCURSÕES EM PAUTA

A história da (s) sociedade (s) mostra que a violência se encontra presente na humanidade há muito tempo. Vista, quase sempre, de forma naturalizada como nos mostra (ELIAS 1994). Na sociedade medieval as guerras, a pilhagem, torturas, mutilação de prisioneiros, os saques, e assassinato eram práticas comuns da sociedade guerreira da época. Com o processo de civilização ocorrem mudanças nas estruturas das personalidades, devido aos diferentes tipos de função sociais, correspondendo a uma maior necessidade de as pessoas dependerem umas das outras implicando em um autocontrole das emoções dos indivíduos. As diversas formas de violência passam a não ser socialmente aceitas, e somente o Estado se torna o detentor do monopólio da violência.

A partir de então, atos de violência, como os citados, deixaram de ser naturalizados e se tornaram atos repugnáveis para a sociedade atual, despertando múltiplos debates sobre o tema em diversos países. Para muitos pesquisadores a violência se constitui em um fenômeno

contemporâneo que desperta o tempo todo nas pessoas, medo, insegurança de serem atingidos por suas diversidades de formas (ABROMOVAY, 2006).

Porém, ao se falar sobre violência é necessário que se conceitue o fenômeno, que se diga do/sobre o que estamos falando, ou, o que queremos explicitar quando nos referimos a violência. Nesse ponto, reside uma das maiores dificuldades ao se trabalhar com o tema, pois não existe um consenso quanto ao seu sentido. Cada teórico dentro da ciência que estuda de acordo com sua metodologia busca uma definição, existindo, no entanto, um eixo sobre o qual há um consenso, que é quanto ao uso da força física.

Porto (2015) nos alerta para o fato de não existir violência, mais sim violências. Não há um conceito único, mais apresenta uma grande multiplicidade de formas o que implica ao se buscar uma conceituação, a necessidade de levar em consideração toda a pluralidade desse fenômeno, assim como seu contexto histórico e cultural, pois como um fenômeno social ele se apresenta de forma mutável e relativa, de acordo com a época e a cultura que é estudada, não sendo pertencente a uma única classe ou grupo social.

A violência é conceituada a partir de sua raiz etimológica de origem latina, *violare* que significa tratar com violência, profanar, transgredir; faz referência ao termo *vis*, força, vigor, potência, apresentando sentidos ambíguo, negativos como o uso da força para ferir o outro. Segundo Zaluar (1999, p. 8):

[...] esta força torna-se violência quando ultrapassa um limite ou perturba acordos tácitos e regras que ordenam as relações adquirindo carga negativa ou maléfica. É portanto, a percepção do limite de sofrimento que provoca o que vai caracterizar um ato como violento, percepção esta que varia cultural e historicamente.

Como podemos notar a definição da violência é construída socialmente e leva em conta a percepção do sujeito, o contexto cultural e histórico no qual o sujeito está inserido, assim formas de violência que até certo tempo não eram consideradas violência, passam a ser consideradas, como por exemplo, a violência contra mulher e violências simbólicas. Entretanto, mesmo com alguns avanços, ao mesmo tempo, observa-se que ocorre a naturalização de algumas formas de violência.

Zaluar (2001) ao fazer um estudo sobre a violência argumenta que foi introduzido nos debates a diferença entre poder e violência. Influenciados pelos estudos de Arendt, ao qual o poder corresponde a capacidade dos homens em agir em conjunto, enquanto a violência representa um instrumento sempre em busca de justificativa da finalidade, sendo sempre um instrumento, o qual, abdicou da linguagem, instrumento que caracteriza as relações de poder. A própria autora define a violência como a falta de compaixão pelo outro. Assim, podemos

inferir que os sentidos da violência giram em torno da perda do diálogo. É a violência como a anulação, o não reconhecimento do outro e da dignidade humana.

Chauí (2011) desenvolve uma definição ampla de violência que contribui para compreendermos a violência nas suas diversas formas e situações. Vai além do senso comum de identificar a violência ligada à força física ou mesmo pela criminalidade, mais como uma violência que se contrapõe a ética transformando as pessoas em coisas.

A palavra violência vem do latim *vis*, força, e significa: 1) tudo o que age usando a força para ir contra a natureza de algum ser (é desnaturar); 2) todo ato de força contra a espontaneidade, a vontade e a liberdade de alguém (é coagir, constranger, torturar, brutalizar); 3) todo ato de violação da natureza de alguém ou de alguma coisa valorizada positivamente por uma sociedade (é violar); 4) todo ato de transgressão contra aquelas coisas e ações que alguém ou uma sociedade define como justas e como um direito; 5) conseqüentemente, violência é um ato de brutalidade, sevícia e abuso físico e/ou psíquico contra alguém e caracteriza relações intersubjetivas e sociais definidas pela opressão, intimidação, pelo medo e pelo terror.(CHAUÍ, 2011, pag.379).

Os diferentes modos que a violência se manifesta constitui um dos pontos fundamentais que tem que ser levado em consideração ao se abordar a violência, incluindo a violência institucional, jurídica, cultural e política, de forma contextualizada de modo que desmascare as diferentes formas de violências.

Chauí (2017) ao abordar a violência insere na especificidade da sociedade brasileira, demonstrando a estrutura da sociedade violenta. A autora traz para a discussão a ideia do mito da não violência brasileira, que se encontra entranhado no pensamento da sociedade desde a sua colonização. Assim, se tem o ideal da formação mítica de uma sociedade não violenta, constrói-se a imagem do povo brasileiro como um povo pacífico. “[...] um povo generoso, alegre, sensual, solidário que desconhece o racismo, o machismo, a homofobia, que respeita as diferenças étnicas, religiosas e políticas que vive sem preconceito, porque não discrimina as pessoas por sua etnia, classe social.” (CHAUÍ, 2017, p.12,). Na verdade este mito impede que as pessoas percebam a (s) violência (s) presentes nas relações e em todo tecido social, incluindo os que sofrem certas violências sem se perceberem como violentadas.

Dessa maneira, as desigualdades econômicas, sociais e culturais, as exclusões econômicas, políticas e sociais, a corrupção como forma de funcionalismo das instituições, o racismo, o sexismo, a intolerância religiosa, sexual e política não são consideradas formas de violência, isto é, a sociedade brasileira não é percebida como estruturalmente violenta, e a violência aparece como um fato esporádico de superfície. (CHAUÍ, 2011, p. 383)

Temos assim, a violência real sendo ocultada por alguns mecanismos identificados por Chauí (2017), como o da exclusão. No primeiro mecanismo, os brasileiros não são violentos e

se houver violência, esta, é provocada por pessoas que vem de fora. O segundo mecanismo corresponde a distinção, se ocorre violência é um acontecimento acidental. O terceiro mecanismo é o jurídico, onde a violência está circunscrita no campo da criminalidade, tem por finalidade determinar quem são os “agentes violentos” considerados sempre a população pobre, e serve para legitimar a ação policial contra essas populações, e o quarto mecanismo sociológico no qual a violência corresponde a um momento definido no tempo como nos casos da imigração da população do campo para a cidade, este fenômeno provocaria uma anomia, ao qual ocorre a perda das antigas formas de sociabilidade, sem ainda terem adquiridos as novas formas de sociabilidade, neste momento os migrantes pobres tendem a praticar atos de violências isolados que desaparecerão quando alcançam as novas formas de sociabilidade, neste mecanismo a violência é atribuída ao pobre migrante e é vista como algo temporário. Desta forma a sociedade brasileira não se vê como violenta, não percebe que a sua estrutura é violenta.

A violência na sociedade brasileira ao lado do autoritarismo social demonstra uma sociedade que naturaliza todas as desigualdades sociais, de gênero, econômicas, étnicas, uma sociedade em que as leis para os ricos se constituem um privilégio, e para os pobres sobram às repreensões. Assim as leis são percebidas como inúteis feitas para serem transgredidas por quem possui privilégios. (CHAUÍ, 2017). Ainda conforme Chauí (2017) a sociedade é marcada por micro poderes presentes nas relações sociais:

Dessa maneira micro poderes despóticos capilarizam em toda a sociedade a violência, que partindo da, e na família, se espalha para a escola, o hospital, as relações de trabalho, os meios de comunicação, o comportamento social nas ruas, o tratamento dado aos cidadãos pela burocracia estatal e vem cristalizar-se nas instituições públicas e no desprezo do mercado pelos direitos do consumidor. A violência policial é apenas mais um caso de despotismo que estrutura toda a sociedade, ou seja, não é uma exceção escandalosa e sim faz parte da regra da sociabilidade brasileira. (CHAUÍ, 2017, p. 22).

Como podemos notar a partir das explicações expostas, as raízes da violência da sociedade Brasileira se encontram desde a colonização marcada pela escravidão. As relações sociais desenvolvidas nestes períodos se encontram ancoradas na nossa cultura, sob relações hierárquicas, associada às estruturas da sociedade se apresentando de diversas formas sendo necessário levar em consideração para compreendê-la as relações sociais e políticas presentes no contexto abordado, que no nosso sistema em vigor corresponde ao sistema econômico neoliberal. Tigre (2013) argumenta que os vínculos existentes entre globalização e neoliberalismo alimentam ideologicamente a violência.

Dentro deste contexto Tavares dos Santos (2004) refere-se à violência difusa que se encontra na sociedade sob suas diferentes formas decorrentes da modernidade tardia, a qual envolve as pessoas em mundo de incertezas, desencadeando processos de individualização, causando a fragmentação social. Em decorrência desses aspectos às instituições socializadoras se apresentam em crise. Os efeitos das transformações ocorridas pela globalização se refletiram em todos os setores da sociedade e a violência passou a se apresentar de novas formas se tornando problema mundial.

Assim, a violência difusa representa a organização da sociedade brasileira, se apresenta ligada ao processo de fragmentação social e de exclusão econômica, o aumento do desemprego, a expansão do tráfico de drogas e do crime organizado. O quadro social apresentado acima, se espalha para os diferentes setores da sociedade, e, é possível perceber refletido na (s) forma (s) de violência no espaço escolar. A escola é uma instituição social, faz parte do contexto mais amplo da sociedade, portanto, a vida escolar é constituída pela conjuntura que estrutura o tecido social, não está isolada, sendo, portanto, diretamente afetada pelos acontecimentos e fatos que marcam e estruturam o social.

Neste cenário de violência (s), os jovens se encontram expostos à vulnerabilidade social, associada a falta de oportunidades de empregos e falta de alternativas de lazer. Os fatores de riscos, aos quais se tornam vítimas ou atores ao participarem da criminalidade violenta, sendo os principais atores recrutados para as atividades do tráfico de drogas, (ADORNO, 1999). O que coloca a escola, muitas vezes, na posição de disputar o espaço de socialização com o crime organizado, (ZALUAR, 2001).

Abromovay e Rua (2002), ao abordarem o tema da “violência e escola” observam que o seu conceito vem se ampliando, deixando de se referir apenas a questão da criminalidade, mais incluídos aí, fatores ligados a miséria, a falta de políticas públicas, pois estes fatores levam a novas formas de organização social em que muitos são excluídos.

Assim, diante do quadro de violência disseminada em que atinge todos os espaços da sociedade em seus diferentes níveis, na próxima seção continuaremos a explorar as formas e conceituações da violência escolar. As pesquisas têm demonstrado a violência social dentro da escola, porém é necessário enfatizar que os fenômenos não são os mesmos, assim procuramos demonstrar as formas de violências que se manifestam no espaço escolar, de forma que ao caracterizar a violência escolar possamos compreender as modalidades das violências que decorrem de fatores externos a escola e violência propriamente causada pela escola.

Nesse sentido importa dialogar com autores franceses, Charlot (2002) e Derbabieux (2006), considerando suas contribuições no entendimento sobre o tema, abordaremos os pontos de vista destes autores, para estes, é necessário distinguir as diferentes categorias de violência para que se tenha o tratamento devido e não se misture tudo na mesma categoria.

2.2 A VIOLÊNCIA ESCOLAR: DISCUSSÃO O OLHAR FRANCÊS

A violência escolar não consiste em um fenômeno novo, mas é um fenômeno que se tem demonstrado de forma persistente na instituição escolar, Derbabieux (2006) afirma que muito antes de fenômeno ser descoberto na França pela mídia nos anos 1990, algumas pesquisas já apontavam este fenômeno. Da mesma forma Charlot expõe que a violência na escola já existia nos estabelecimentos escolares muito antes dos anos 1980, podendo ser percebidos nas relações grosseiras entre os professores e estudantes. Porém, na atualidade surgiram novas formas de violências no espaço escolar que são mais graves; assim como o aumento de insultos á professores. É o fato de essas violências serem praticadas por pessoas muito jovens, gerando angustia social e levando a busca por explicações e a um discurso sócio midiático, por vezes, exagerado que termina por unir fenômenos de natureza diferentes.

Derbabieux (2006) ressalta a necessidade de prudência ao abordar o tema da violência escolar, pois muitas vezes corre-se o risco de se cair em um discurso alarmista, manipulado pela mídia e pelos poderes políticos e suas ideologias, ao mesmo tempo, não se pode negar o fenômeno, menosprezando a vítima e proibindo a ação. O autor afirma com base em seus estudos que os números de violências graves são bem menores do que o alarmado pela mídia (em França) e que o problema da violência na escola consiste em micro violências.

Na literatura específica sobre este fenômeno ocorre à discussão entre o que seria a violência escolar, destacando não haver consenso acerca do conceito deste fenômeno, tornando difícil a limitação de suas fronteiras. Para alguns pesquisadores seriam somente as violências duras, que estão contidas no código penal. Argumentam alguns, que ao se fazer uso do conceito de violência no sentido amplo pode-se correr o risco de criminalizar comportamentos que não são violentos, como sendo violência.

No entanto, Derbabieux (2006), afirma que o fenômeno da violência surge de modo relativo: “relativo a uma época, a um meio social, a circunstâncias particulares. Ela depende de códigos sociais, jurídicos e políticos das épocas e dos lugares onde ela toma sentido” (p.93), portanto, o fenômeno da violência não pode ser analisado esquecendo as condições sociais de sua produção. Assim o autor defende uma definição ampla do conceito de

violência, nesse sentido, ao limita-la somente ao código penal estaria deixando de lado as experiências das vítimas e as violências do cotidiano, micro violências que são responsáveis pelas piores violências. As violências duras ocorrem menos no ambiente escolar, são casos isolados, o problema da violência nas escolas, conforme o autor, é uma opressão quotidiana, repetitiva.

Para Derbabieux (2006) a violência escolar deve ser compreendida e combatida sob o ponto de vista amplo, pois ela é agressão, acumulação, repetição e opressão, também chama a atenção para que se leve em consideração as consequências que trazem para as vítimas. É importante deixar que os atores que vivem a violência digam o que é a violência, exponha seus pontos de vista, a partir de suas próprias experiências. Como Debarbieux, outros autores têm se debruçado sobre estudos de violência (s), o que torna preponderante refletir a partir de suas construções e elaborações.

Bernard Charlot (2002) ao analisar o fenômeno da violência escolar, coloca que a dificuldade do tema em questão como objeto de pesquisa se encontra no rigor desta definição, pois a violência pode compreender muitas coisas e o pesquisador ao abordar o tema se depara com explicações macrossociais e micros sociais, explicações que levam em consideração as estruturas gerais da sociedade e outras que levam em considerações casos do dia a dia, praticas específicas, sendo impossível escolher uma explicação e descartar outra, porém, o que importa é entender como essas estruturas se articulam em casos concretos.

Como forma de superar este discurso Charlot (2002), introduz algumas distinções conceituais, designando a violência em três formas, conforme a sua manifestação: *violência da escola, violência na escola e violência à escola*.

A violência na escola é aquela que se produz dentro do espaço escolar, sem estar ligada á natureza e ás atividades da instituição escolar; quando um bando entra na escola para acertar contas de disputas de bairro, a escola é apenas um lugar em que ocorre uma violência pode ter acontecido em qualquer outro local [...] A violência á escola está ligada á natureza e ás atividades da instituição escolar: quando os alunos provocam incêndios, batem nos professores ou insultam, eles se entregam a violências que visam diretamente a instituição e aqueles que a representam. Essa violência contra a escola deve ser analisada junto com a violência da escola: uma violência institucional, simbólica, que os próprios jovens suportam através da maneira como a instituição e seus agentes o tratam (modo de distribuição das classes; atribuição de notas, de orientação; palavras desdenhosas dos adultos; atos considerados pelos alunos como injustos ou racistas, etc. (CHARLOT, 2002, p. 434).

As distinções, conforme explicitado pelo autor, possibilitam compreender os tipos de violência que permeiam o ambiente escolar, assim como ajudam a estabelecer estratégias que visam combater-la. A violência não é caracterizada apenas como a violência exterior a escola,

mas também a violência produzida pela própria escola como a violência simbólica. Além da categorização da violência, o autor também apresenta a distinção entre agressividade, conflito e agressão, conforme explicitado a seguir.

A agressividade faz parte do comportamento humano, a mesma, pode decorrer da frustração em relação a algo. A agressão é o ato e gera a violência, já o conflito é uma situação que pode desencadear em violência, mais também contribuir para levar ao debate, que busca mudanças. Outra distinção também importante são os conceitos de transgressão e incivilidade. Os atos de transgressões correspondem a comportamentos contrários as regras das instituições. E as incivildades são pequenos atos de comportamentos que prejudicam as relações do dia a dia, as regras de boa convivência, como agressões verbais, xingamentos, atos de indisciplina. Ainda, é necessário distinguir a tensão, pois, atos violentos quase sempre ocorrem em situações tensas, o que não significa dizer que toda situação tensa seja sinônimo de violência.

As distinções listadas acima contribuem para que cada categoria seja tratada por seus responsáveis. Assuntos relativos à lei são de ordem da polícia, e as questões da escola sejam tratadas pela escola. Desta forma Charlot defende que cada coisa deve ser chamada pelo seu nome, e critica o uso do termo violência. “É preciso desconstruir essa pseudo evidência do conceito”. O pesquisador tem de analisar atos, palavras, silêncios, etc. e seus efeitos, sem introduzir de imediato a palavra “violência”. (CHARLOT, 2002, p. 23).

Até aqui se pode perceber que embora abordem a mesma questão, Debarbieux e Charlot não apresentam o mesmo entendimento sobre assunto, há divergência quanto a classificação e significado do que se constitui como violência. Ao denominar diversos fenômenos como agressões, insultos, ameaças como violência abre-se um enorme leque, o que pode contribuir para dificultar o trabalho do pesquisador, sendo assim necessário um olhar atento ao se analisar determinadas situações ou fatos seja na escola ou em outros espaços sociais.

Estas duas linhas distintas de abordagem sobre o conceito de violência escolar dos autores franceses, se constitui nas principais referências explicativas para as pesquisas brasileiras, contribuindo na análise sobre violência escolar. As pesquisas brasileiras em geral têm como ponto de partida os conflitos decorrentes da própria instituição escolar incluindo também neste debate a configuração social, a desigualdade e a violência urbana. Na próxima seção apresentamos reflexões, a partir de alguns dados sobre a realidade brasileira.

2.3 A VIOLÊNCIA ESCOLAR NO CONTEXTO DA EDUCAÇÃO BRASILEIRA: APONTAMENTOS E REFLEXÕES

A produção acadêmica sobre a violência escolar desde os anos 1980 tem crescido de forma bastante notável sob diferentes perspectivas. O levantamento sobre as pesquisas desenvolvidas por Sposito (2001) nos possibilita entender as abordagens sobre o fenômeno durante a década de 1980 até os anos 2000. Durante este período o estudo do tema revelou um “quadro complexo regido pelas formas de violência social que permeiam a vida urbana em bairros periféricos ou favelas das cidades brasileiras”, revelando diversas formas de violência no ambiente escolar. (SPÓSITO, 2001, p. 98- 99).

Conforme Sposito (2001), durante a década de 80 o tema da violência escolar começa a ser abordado no espaço público, um momento em que o país está se democratizando e a violência se torna um problema nacional se disseminando e ampliando a suas formas, neste contexto, a violência escolar se referia a depredação, invasões, e ameaças a alunos e professores. Diante dessas manifestações de violência a sociedade passou a exigir medidas de proteção para os prédios escolares, tornado como foco a questão da segurança, a solução dada foi mais policiamento, muros, iluminação. Nesta mesma década as primeiras pesquisas saíram do campo da segurança e abordaram a violência que nasce dentro da instituição escolar decorrente das práticas autoritárias.

Dados da pesquisa na pós-graduação em Educação dos anos 1980 indicam somente duas pesquisas realizadas por Guimarães (mestrado 1984; doutorado 1990). Suas Pesquisas de acordo com Sposito (2001, p. 92), revelaram dados contrários às “hipóteses dominantes no período que propunham ser a violência em meio escolar decorrência do controle e vigilância exercidos por professores e demais profissionais das unidades escolares”, sendo constatado em seu estudo que tanto em escolas com disciplinas rígidas como em escolas permissivas a violência estava presente.

A partir da década de 90, Organizações Não Governamentais (ONGs) e entidades públicas também realizaram pesquisas nas escolas públicas, observando que as práticas de vandalismo continuavam, e passa a ser registrada também, agressões verbais e ameaças entre alunos. Neste mesmo período houve um aumento no número de produção acadêmica. As pesquisas demonstraram o aumento da criminalidade e da insegurança na deterioração do clima escolar, ao estudar a relação da violência social nas periferias com a escola. (SPOSITO, 2001).

O levantamento feito por Zechi (2008), sobre este fenômeno no período de 200 a 2005 nas publicações nos principais periódicos científicos da área de Educação demonstrou que, a violência escolar foi estudada na maioria das pesquisas como um reflexo da violência social, levando em considerações fatores culturais, jurídicos, econômicos, políticos e as relações de sociabilidade entre os pares. As pesquisas apontam que as violências na escola são reflexos da violência social, das mudanças socioeconômicas ocorridas na sociedade e no sistema escolar, da educação familiar, porém, também destacam que no interior da escola surgem suas próprias violências, sendo necessário o estudo dos fatores que desencadeiam a violência produzida pela própria escola para sua compreensão. Foi verificado nestas pesquisas que a violência no ambiente escolar se apresenta de forma física, psicológica, moral e exercida tanto por alunos como professores.

Ainda conforme Sposito (2001), a complexidade em estudar o fenômeno da violência escolar decorre da sua articulação com o tema da violência social, não sendo possível dissolver um fenômeno no outro, mas procurar entender os pontos de ligação.

Neste sentido, o estudo feito por Ruotti (2010), procurou identificar os pontos de interseção e distância entre a violência dentro da escola e violência que se encontra fora analisando como esses fatos influenciam nas atitudes dos alunos. Nesse estudo a autora destaca que a discussão sobre violência escolar no Brasil se apresenta pautada sobre duas linhas específicas, ressaltando que existe um arcabouço teórico muito grande desenvolvido. A autora divide as pesquisas em duas linhas: 1) o processo de democratização política; e 2) consiste no crescimento da violência urbana. O primeiro exige-se transformações nas relações que correm entre a escola e a comunidade escolar, as formas de tratamento inadequadas vinda da gestão da escola para com a comunidade escolar devem ser eliminadas, pois se constituem em violências praticadas pela escola. Já o crescimento da violência urbana implica nos riscos de a escola ser permeada pela violência que existe no local em que a escola se encontra localizada, como o tráfico de drogas, por exemplo.

De acordo com a primeira vertente, o período em que ocorre o interesse pelo entendimento da violência escolar consiste paralelamente ao aumento da expansão do ensino fundamental e médio. O acesso ao ensino a educação básica pelas classes menos desfavorecidas, coloca em visibilidade as desigualdades, as quais a escola está aprendendo a conviver. Tigre (2013) e Aquino (1994) compartilham do mesmo argumento, ao defenderem que este fenômeno que se encontra na escola indica o impacto decorrente de uma escola, a qual foi preparada para uma determinada classe, e que se encontra despreparada para atender um novo sujeito com perfil diferente que adentra seus espaços.

Silva, Adam e Salles, (2010) argumenta que os professores têm o imaginário de um aluno idealizado, partindo da premissa em que todos têm as mesmas oportunidades, não levando em consideração a condição social dos alunos. Neste sentido, a idealização dos alunos não corresponde a realidade que a sociedade apresenta.

Para ABROMOVAY (2006), o processo de democratização forçou as escolas, a se adequarem ao novo perfil de aluno, porém esse processo de democratização do ensino serviu para mascarar ainda mais, as desigualdades no sistema escolar, principalmente a qualidade da educação entre público e privado. Suas pesquisas demonstram que este fenômeno em escolas que não são espaços democráticos e igualitários, não aceitando a maneira de ser jovem. Uma escola que possui seus próprios mecanismos de exclusão, assim os excluídos constituem naqueles, “que não atendem as expectativas de aprendizagem, ao comportamento, de relacionamento com os integrantes da comunidade escolar”. (ABROMOVAY e CASTRO,2006, pag. 21 a 22). Nesse sentido a violência se manifesta como reação dos alunos a este sistema que os excluí.

Esta forma de violência conhecida como a violência institucional é abordada por autores como: Aquino (1994) e Guimarães (1994). Conforme estes autores a violência decorrem da forma como a escola se encontra organizada.

A escola como qualquer outra instituição, está planejada para que as pessoas sejam todas iguais. Há quem afirme: “Quanto mais igual, mais fácil de dirigir”. A homogeneização é exercida através de mecanismos disciplinares, ou seja, de atividades que esquadriham o tempo, o espaço, o movimento, gestos e atitudes dos alunos, dos professores, dos diretores, impondo aos seus corpos uma atitude de submissão e docilidade. (GUIMARÃES, 1994, p. 78)

Foucault em sua obra “Vigiar e punir” (1987), ao analisar os dispositivos de controle e punição que recaia sobre os presos observou que as disciplinas surgem como tecnologias de poder que tem como principal finalidade tornar os corpos eficientes e submissos, o autor destaca que este dispositivo está presente em diversas instituições da sociedade entre elas a escola a qual consiste em uma instituição responsável por tornar os corpos dóceis, através das disciplinas garantindo uma organização do espaço e do tempo.

A disciplina distribuiu as pessoas no espaço, se utilizam de recursos coercitivos como a vigilância a punição e o exame. Os corpos se tornam individualizados através da localização, a qual permite a vigilância o controle das comunicações e um espaço útil onde os indivíduos podem ser avaliados. Na escola podemos encontrar todos estes detalhes descritos, a forma de organização da sala de aula, cada aluno tem o seu lugar específico, permitindo o controle do comportamento de cada aluno, rompendo as comunicações e possibilitando o bom

andamento das aulas. “Fez funcionar o espaço escolar como uma máquina de ensinar, mais também de vigiar, hierarquizar, de recompensa” (FOUCAULT, 1987, p.173).

Para atingir o mecanismo de tornar o sujeito obediente, além dos mecanismos já citados, é necessário o controle do tempo, assim os alunos são divididos em séries, busca-se anular todas as distrações, o tempo se torna totalmente útil, distingue os bons dos ruins. Porém, apesar de todos os mecanismos de controle existem alunos que criam maneiras de burlar as regras, resistência as disciplinas impostas.

Para Guimarães (1994), a escola não tolera a diferença e busca por uma homogeneização através dos mecanismos disciplinares, essa imposição de normas encontra resistências gerando conflitos que podem ocasionar violência e indisciplina.

Em relação a segunda vertente, a qual analisa os aspectos externos a escola como os fatores sócio demográficos, o local que a escola se encontra, Ruotti (2010, p.343) enfatiza que os primeiros trabalhos de Paula (1992) e Eloisa Guimarães (1988), “analisam a interferência de grupos, inclusive envolvidos com o tráfico de drogas, nas unidades escolares, impedindo o processo educativo”. Temos, portanto, o aumento da criminalidade urbana interferindo na socialização dos jovens, constatando que são grupos externos que provocam a violência na escola.

No seu estudo feito em uma escola localizado em um bairro violento com presença de tráfico de drogas Ruotti (2010), identificou dois aspectos importante para o entendimento da dinâmica da escola, os riscos que os jovens correm ao estarem exposto a sociabilidade do mundo do tráfico e o discurso civilizador que pertence a escola. A escola pesquisada pela autora é marcada por um passado de violência extramuros, e por um vazio institucional, desde passado a escola passou a ser vista sob um estigma, e os meios encontrados pela nova direção foram a instauração de mecanismos disciplinares, como expulsão e encaminhamentos para a polícia. “A vigilância constante dos alunos torna-se central nessa nova dinâmica, além de uma postura rígida da diretora, a qual passa a ser designada como ‘mão de ferro’ ou ‘punho forte’” (RUOTTI, 2010 pág. 353). Desta forma passa a se verificar no ambiente escolar a violência institucional decorrente dos mecanismos disciplinares impostos.

Zaluar e Leal (2001) analisaram a relação entre violência dentro e fora da escola destacando os efeitos da violência urbana e o tráfico de drogas na vida escolar. A pesquisa realizada entre os anos de 1995 e 1996 revela o quanto a violência extramuros se encontra no ambiente escolar, e que esta, se constitui em um fenômeno que disputa a socialização dos jovens com a família e escola, a pesquisa demonstra que a forma de educação moral exercida pelas escolas não consegue evitar a violência extramuros no ambiente escolar, destacando a

violência urbana como um dos principais motivos que fazem os jovens se afastarem. Fatos como tiroteios, uso de armas de fogo no ambiente escolar provoca o afastamento de muitos jovens da instituição escolar, assim como a forma de ganhar dinheiro pelo mundo do tráfico provoca nos jovens a imagem de que a escola não possui importância.

A pesquisa também demonstra que o local em que os alunos vivem influencia na maneira como os professores e administração da escola veem os alunos, em muitos casos sob um estigma, culpando os alunos pelo seu próprio fracasso escolar, refletindo nos alunos em forma de baixa autoestima. Esta mesma forma de discriminação em relação ao local de moradia também é verificado nas pesquisas realizadas por Abromovay (2006). Desta forma além da violência física que existe no bairro as crianças também sofrem com a violência psicológica praticada pelos métodos utilizados pela escola como a forma de avaliação e contato com os funcionários.

Aspectos semelhantes às pesquisas citadas acima, também é observado no estudo realizado por Gomes (2006) em 6 escolas do Distrito Federal, públicas e particular, sobre a representação da violência pelos jovens. Os resultados apontaram a violência no ambiente escolar como reflexo da violência que se encontra na sociedade. Nas escolas públicas muitos dos alunos participavam de grupos de gangues. A violência exógena aumenta os conflitos dentro do ambiente escolar. A solução encontrada para lidar com a violência passa por mecanismo de repreensão como a presença da polícia e de revistas. Já na escola particular, são marcadas por mais controles, nestes ambientes a violência encontrada são mais as violências verbais, e discriminação em relação aos alunos que moram na cidade satélite ou que se vestem de outra maneira.

Foi verificada a violência entre os alunos da escola públicas e particulares ocorrendo uma tensão permanente. “Em certos casos não é preciso o uniforme; basta o simples fato de se saber que os adolescentes são do estabelecimento inimigo”. (GOMES 2006, p. 17). Neste contexto os jovens precisam pertencer e andar em grupos que variam entre galeras e gangues. Nessa pesquisa além de ser verificada a influência que a violência externa exerce no ambiente escolar, percebemos que este fenômeno não se restringe somente a escola pública, fato que já foi demonstrando através de outras pesquisas.

As pesquisas citadas nos fornecem considerações importantes sobre o fenômeno demonstrando que existe várias leituras sobre o fenômeno, assim o contexto escolar da violência caracterizado nas pesquisas traz aspectos da violência em suas formas físicas e simbólicas, ligado a aspectos internos no interior da escola, a relação aluno- aluno, aluno – professor, e as relações externas a escola o contexto sócio econômico, as políticas

educacionais. Assim os estudos buscam ampliar a compreensão sobre este fenômeno. A estas pesquisas acrescentamos as pesquisas de Tavares dos Santos (2001).

Tavares dos Santos (2001) ao analisar a violência no meio escolar, aponta como fator causador da violência a desigualdade social. Segundo o autor, para compreender a relação entre escola e violência é preciso repensar a complexidades das relações sociais que existem dentro do espaço escolar. No seu estudo realizado em escolas de Porto Alegre assinala que as práticas de violência nas escolas passam por relações de classe e relações culturais. Neste contexto apresenta-se um “desencontro entre instituição escolar e as particularidades culturais das populações pobres das grandes cidades.” (TAVARES DOS SANTOS, 2001, p. 105). Essas relações são marcadas por uma violência simbólica do saber, exercida pela escola através dos hábitos sociais, dos professores, de funcionários, sobre a cultura dos grupos locais.

Para o autor, a violência escolar é um fenômeno social global o qual se encontra presente em mais de 23 países, possui por característica o enclausuramento do gesto e da palavra, este fenômeno se apresenta como um dispositivo de controle. Evidenciou ainda um estado de temor por parte das escolas em relação ao meio social em que estavam inseridas. As formas de violência encontradas foram a depredação do patrimônio escolar, seguindo de furtos, porém verificou que em muitos casos ocorriam apenas a depredação dos materiais pertencentes ao estabelecimento escolar sem ocorrer o furto dos mesmos, o que leva o autor a concluir que são atos de violência como forma de reação social contra a escola. Segundo o autor o contexto social a qual a violência escolar emerge evidencia-se uma correspondência entre exclusão social e violência escolar. Assim, conforme Tavares dos Santos (2001, p. 114)

Tanto mais o público jovem é desfavorecido, em termos econômicos como culturais, tanto mais ele se confronta com a vivência do desemprego, mais ele experimenta uma exclusão, não só de oportunidades econômicas, mas também de um prestígio social, o que resulta em um agravamento de sua autoestima e de sua perspectiva de futuro. Os jovens vivem hoje a desesperança em relação às promessas de futuro que, antigamente, estavam contidas na proposta da escola.

Conforme ABROMOVAY (2006) a violência escolar ocorre em um momento em que os jovens começam a perceber e criticar a escola por não corresponder a suas expectativas. “Os jovens questionam a importância do conhecimento quer para o mercado de trabalho, quer para a sua cotidianidade e se rebelam com as normas que lhes parecem autoritárias e impostas.” (ABROMOVAY, 2006, p. 69). A desesperança em relação ao papel da escola em garantir um futuro digno para os jovens, também é mencionado em outras pesquisas.

Penteado (2015,) enfatiza os sentidos dos espaços pedagógicos, os sentidos que o currículo tem para os alunos, a dinâmica das aulas. Schilling (2012) argumenta que na sociedade atual a dúvida sobre a função da escola contribui para gerar situações de mal-estar. Verificam-se diante deste cenário os diversos fatores que podem influenciar no desencadeamento da violência escolar.

A Organização das nações unidas para educação e cultura (UNESCO) desde a década de 1990 vem contribuindo para a ampliação da compreensão do fenômeno da violência escolar, através do Observatório da Violência Escolar. Em parcerias com as universidades vem financiando pesquisas que abordam a violência entre jovens de diversas camadas sociais, com objetivo de contribuir para o desenvolvimento de uma cultura de paz. Entre estas pesquisas tem destacado as pesquisadas desenvolvidas por ABROMOVAY (2002); (2006), possibilitando ampliar a compressão do fenômeno nas nossas sociedades.

A autora defende que uma abordagem da violência deve levar em consideração diferentes modalidades de violência, tanto a violência urbana, mas também deve olhar com atenção para a lógica do funcionamento do ambiente escolar. Assim a abordagem da violência deve inserir as violências físicas, as violências duras que se encontram no código penal, como as violências simbólicas ou institucional decorrentes das relações de poder, e as micro violências que se constituem em atos de incivilidade, humilhação e falta de respeito.

Entre as pesquisas realizadas por Abromovay, destaca-se um estudo bastante amplo realizado em parceria com Rua (2002), em escolas públicas e particulares, desenvolvido em 14 capitais brasileiras, trabalhado com o conceito amplo sobre violência a qual engloba desde a violência no entorno da escola como a violência no trânsito, trajeto escola e casa, assim como a violência simbólica, física, verbal. O estudo abordou a percepção dos alunos, pais, funcionários, possibilitando uma maior compreensão sobre o fenômeno. Verificou-se pouca segurança no entorno da escola tanto em relação às faixas de trânsito, semáforo, como a violência social como assalto, em que os alunos são muitas vezes vítimas. Outro problema apresentado foi em relação ao tráfico de drogas e a formação de gangues dentro da escola, prejudicando bastante o clima escolar.

Outro aspecto destacado a falta de diálogo entre os funcionários, diretores, professores, coordenadores, com os alunos ocasionam atos de violência, assim como a não explicações das normas. Entre as formas de violência descrita como agressão contra a pessoa, estão as ameaças, principalmente, por parte de alunos aos professores e diretores, brigas que geralmente começam com agressões verbais, violência sexual.

Entre as formas de violência, contra a propriedade está o roubo e o furto, e contra o patrimônio encontram-se atos de vandalismo como depredação de muros janelas e destruição de materiais, atos de pichação. Já no programa desenvolvido por Abromovay e equipes da Flasco (2018) em escolas do estado do Ceará e Rio Grande do Sul no período de 2016 a 2017, destacou outras formas de violência no ambiente escolar em forma de discriminação de raça, gênero, homofobia, racismo, e o cyberbullyng. Estas pesquisas demonstram que as formas de violência no ambiente escolar mudaram e se ampliaram.

Algumas dessas notáveis transformações: foram o surgimento de armas nas escolas, inclusive armas de fogos, a disseminação dos usos de drogas e a expansão dos fenômenos das gangues, influenciando na rotina da escola, eventualmente associadas ao narcotráfico. Outra grande mudança resulta dos fatos de que a escola e suas imediações deixaram de ser áreas protegidas ou preservadas e tornaram-se, por assim dizer, incorporadas a violência cotidiana do espaço urbano. Ademais as escolas deixaram de certa forma de ser um local seguro e protegido para os alunos e perderam grande parte dos seus vínculos com a comunidade. (ABROMOVAY E RUA, 2002, pag. 31)

Porém, apesar de se encontrar no ambiente escolar algumas formas de violências mais duras e principalmente a mídia dar mais ênfase a essas formas de violência, as autoras destacam assim como Charlot (2002), que as violências duras são raras no estabelecimento de ensino brasileiro. Ao se analisar as pesquisas, as formas mais encontradas são as micro violências são incivildades, estas passam despercebidas, pois já estão enraizadas no cotidiano da escola, essas pequenas violências se caracterizam por ser em muitos casos repetitivas, são atos como agressões verbais, tratamentos diferenciados entre alunos, abuso de poder, atos que tem um potencial enorme de desestabilizar o ambiente escolar conduzem a degradação das relações cotidianas e ao passarem despercebidas despertam um sentimento de insegurança nas vítimas, e que muitas vezes resolve por abandonar o espaço escolar.

Neste contexto, o clima escolar de acordo com Abromovay (2018), serve como um termômetro para medir qualidade do meio interno das instituições, assim, em muitos trabalhos é abordado à relação clima escolar e violência, pois um bom clima contribui para um melhor resultado do trabalho no ambiente escolar. Contudo, como forma de resolver estes problemas, está o diálogo entre os diversos componentes da comunidade escolar, uma gestão mais democrática, “assim como a incivildade são construídas na dinâmica das relações sociais, elas podem ser “desconstruídas”, o que é possível por meio de ações de proteção”. (ABROMAVAY e CASTRO 2006, p. 55).

Outra pesquisa tem analisado as representações da violência escolar sob a perspectiva entre professores e alunos, entre estas pesquisas aqui é destacado o estudo realizado por

Giordani, Sffner e Dell’Aglío (2017) e Marra (2004). No estudo realizado por Giordani, Sffner e Dell’Aglío (2017), foi investigado a percepção dos estudantes e professores de uma escola pública de Porto Alegre, entre as formas de violência encontradas foram destacadas pelos estudantes do 6º ano as violências físicas entre eles e verbais, como os xingamentos, e os alunos do ensino médio relataram sobre o preconceito entre colegas já os professores destacaram a presença da violência verbal.

Em relação à violência contra o professor, foi constatada violência verbal. A pesquisa também identificou a violência extramuros. Nessa categoria foi relatado professores que foram assaltados no entorno da escola e as violências domésticas que sofrem os alunos. Como forma de enfrentamento da violência, é destacada pela os alunos, a participação tanto dos estudantes quanto da comunidade como forma de resolução de conflito.

A pesquisa de Marra (2004) realizada em uma escola estadual de Belo Horizonte marcada por violências, analisou as percepções sobre a violência explícita dos atores da escola. A pesquisa concluiu que a escola é marcada por violência que vem de fora da escola através de grupos de gangues e a violência institucional que atinge todos os membros da escola, durante a pesquisa foi constatado que a escola sofre todos os tipos de violência desde ameaça à integridade física dos membros da escola por grupos externos, a depredação dos materiais da escola. A autora aponta como alternativa para o problema da violência, a instauração da escola cidadã e a valorização dos professores, promovendo melhores salários e formação continuada que vise também o crescimento sócio afetivo.

Conforme as pesquisas citadas, observamos que o tema da violência escolar nestas últimas décadas vem sendo abordado principalmente a partir de duas linhas de debate, a que se refere a dificuldade demonstrada entre os pesquisadores sobre o que deve ser considerado violência escolar, e o debate referente ao fenômeno externo e interno à escola, as violências ligadas ao sistema social externo a escola e violência decorrente das próprias atividades da escola. Além destas linhas investigativas diversas outros temas são abordados, os jovens como vítimas ou agressores, a violência contra professores, as normas impostas pela a escola, a formação de professores, a relação entre Gestão e violência, o clima escolar, as políticas de prevenção contra a violência.

Desta forma, poderemos entender através da literatura apresentada o quão complexo é se trabalhar com o fenômeno da violência, embora ela não seja um fenômeno recente, tem se apresentado de forma persistente e crescente no tecido social. Trata-se, portanto de um fato real demonstrado através de diversas pesquisas, por isso, é um fenômeno que não deve ser

negado, devendo ser abordado de forma cuidadosa, uma vez que não se manifesta de forma homogênea em todas as situações.

A violência escolar tem se apresentado de diversas maneiras, e trazendo sérios problemas para o ambiente, interferindo nos processos de aprendizagem, de socialização, e a formação para a cidadania. É um fenômeno que é construído socialmente, em meio as relações dos sujeitos o que faz com que seja previsível e passível de ser explicada. É preciso ir muito além das descrições de sua forma, procurando entender como cada sujeito percebe, pensa deste fenômeno, pois existem diversas leituras e modo de ver de um mesmo fenômeno. Ao olharmos para o interior da escola é possível compreender a dimensão da problemática e o desafio a qual está imposta para a escola.

3 OS CENÁRIOS EM DEBATE: escolas municipais e a violência escolar

Neste capítulo apresentamos os caminhos percorridos durante a pesquisa, assim como algumas características da educação no município de Bacabal-Ma, também é feita a apresentação das escolas campo de pesquisa e a justificativa da escolha das escolas, as principais características dos sujeitos que compõe este campo, considerando estes aspectos importantes para alcançamos os objetivos propostos para a compressão da temática da violência escolar. A pesquisa foi realizada no período de agosto a dezembro de 2019 em duas escolas da rede municipal de Bacabal.

O município de Bacabal fica localizado a cerca de 240 km da Capital Maranhense. Bacabal possui 104.790 habitantes estimativas do IBGE em 2020. Em relação a educação segundo dados do site do IBGE cidades (2020), o município no ano de 2019, possuía a taxa de 97,2% de escolarização na faixa etária de 6 a 14 anos, ocupando a 3382º posição no ranking de municípios brasileiros, neste mesmo ano apresentava um total de 16.600 matrículas no ensino fundamental e 5.065 no ensino médio, com um total de 855 docentes no ensino fundamental e 347 no ensino médio, possuindo 101 escolas do ensino fundamental e 14 escolas de ensino médio. O município também conta com instituições públicas de ensino superior: Universidade Estadual do Maranhão-UEMA, Universidade Federal do Maranhão-UFMA, Instituto Federal do Maranhão- IFMA, além das instituições privadas.

A Secretaria Municipal de Educação (SEMED) em Bacabal é responsável por 115 escolas, desde a creche até os anos finais do ensino fundamental. Em relação a violência escolar, a secretaria da educação desenvolve nas escolas o Projeto Educacional de Resistência as Drogas (PROERD), este projeto foi criado em 1992 no Rio de Janeiro a partir do modelo desenvolvido nos Estados Unidos e disseminado por todo o território nacional. Em Bacabal o projeto foi implantado em 2010, atualmente tem como coordenador o Sargento Brito¹, segundo o sargento, o projeto é desenvolvido em parceria com gestores da escola e coordenadores do PROERD. O referido projeto é desenvolvido por meio da realização de palestras com os pais, alunos e a comunidade, o número de escolas que o projeto atende depende da quantidade de instruções que a PM disponibiliza e de materiais pedagógicos que as prefeituras disponibilizam, para a escola fazer parte do projeto é necessário ter o 5º ano e estar em uma área de vulnerabilidade.

¹ Sargento Brito entrou para o quadro da policia militar do Maranhão no ano de 1994 e deste 2002 trabalha no projeto Proed, é coordenador do projeto de prevenção as drogas na secretaria municipal de educação de Bacabal desde o ano de 2006.

O trabalho da Secretaria da Educação é feito em parceria com a Polícia Militar que faz rondas periódicas nas escolas. Ao identificar algum problema realiza-se o diálogo entre ambas as partes para entender a situação. Conforme o sargento Brito não há dados sobre a violência escolar, este destaca que os índices de violência em Bacabal são baixos, porém, destaca que existe casos de tráfico de armas e drogas dentro da escola. Esta fala do Sargento é contraditória, pois afirma que não há violência porém ao mesmo tempo demonstra que existem drogas e armas no interior da escola, essa constatação nos chama a atenção e se constitui em mais um reforço para a importância de se investigar o problema em questão.

A escolha das escolas que fazem parte desta pesquisa se deu por elas serem escolas que possuem um estigma, construído a partir de visões balizadas no senso comum, que as classificam como violentas considerando principalmente a sua localização, por se situarem na periferia da cidade, pelas condições socioeconômicas de seus moradores, e ainda das relações que ocorrem em seu entorno em que se observa a existência de consumo e comércio de drogas. Provavelmente por considerar os motivos anteriores as escolas são assistidas por políticas de combate à violência, por parte do Ministério Público, a exemplo, do Projeto Juntos Somos mais Forte que as Drogas.

Visando garantir o anonimato das instituições e sujeitos envolvidos na pesquisa, optou-se por não utilizar os nomes próprios, embora as escolas sejam órgãos públicos, foram nomeadas com as siglas UEFDEA para a primeira escola e UEFUS para a segunda. No caso dos professores, interlocutores neste trabalho, optou-se por utilizar números. Assim, o universo da pesquisa é composto por 17 professores, 10 da escola UEFUS e 07 da escola UEFDEA.

Antes de selecionar os professores, realizei uma consulta nas duas escolas, explicitando os objetivos do trabalho e constatei a disponibilidade dos selecionados para participarem contribuindo com suas respostas para a construção deste trabalho. O que se deu através da entrevista gravada.

A entrevista gravada conforme Ludke e André (1986, p. 37), possibilita o registro de todas as expressões orais, silêncios, mudança no tom da voz, deixando o entrevistador livre para prestar mais atenção ao entrevistado.

O cronograma para coleta dos dados foi organizado, conforme explicitados a seguir: 1. Foram realizadas 07 visitas às escolas. A primeira, nas duas instituições, consistiu em me apresentar a coordenação e explicar o objetivo da pesquisa. Foi recebida pelas coordenadoras das escolas que prontamente autorizaram a pesquisa. No período de visitas, tive a

oportunidade de participar do planejamento pedagógico para o segundo semestre do ano letivo da escola UEFUS, o mesmo aconteceu no dia 05 de agosto (2019).

É importante destacar que dentre os assuntos tratados estava a questão do comportamento dos alunos, dos projetos que visavam a conscientização da não violência entre os alunos e a criação do Projeto Político Pedagógico. Na mesma escola tive acesso ao documento que contém o planejamento escolar, assim os dados de identificação da escola foram retirados deste documento. As amostras com as características socioeconômica dos alunos foram obtida através da aplicação de um questionário á 26 alunos da turma da Educação de Jovens e Adultos (EJA), estes alunos foram escolhidos devido a escola campo de pesquisa só trabalhar no turno da tarde com os estudantes da EJA.

Um dos fatos que me chamou atenção durante esta reunião de planejamento foi a resposta dada por alguns professores quando questionados sobre qual era o perfil dos alunos. *“É um aluno que ninguém quer, são alunos que tiveram problemas em outras escolas e eles mandam para cá, que possuem problemas com a justiça, que a família não liga, filhos criados por avós”*. (Prof. 13 UEFUS). Esta fala demonstra como os alunos são vistos e que muitos já foram vítimas de um mecanismo de punição muito polêmico utilizado pelas escolas como a expulsão ou o convite a se retirar, o que não resolve o problema da violência, apenas transfere e provoca segundo a literatura desenvolvimento de um sentimento de rejeição, refletindo em evasão escolar, e ao mesmo tempo, esses alunos são vítimas da violência social que afeta toda a sociedade, pois são a parcela mais vulnerável. Outro ponto bastante recorrente na fala dos professores se refere a família e sua participação na vida escolar dos filhos, a falta de acompanhamento dos pais é queixa unanime entre os educadores e desponta, muitas vezes, como explicação para a violência.

Na escola UEFDEA a quantidade de visitas foi menor devido já estar se encerrando o ano letivo, porém no contato com a coordenadora a mesma se mostrou bastante receptiva, e me encaminhou para os professores que me receberam se mostrando disponíveis a contribuir com a pesquisa. Para conhecer as características socioeconômicas dos alunos desta escola foi aplicado um questionário á 22 alunos do 9º ano.

Como podemos notar Bacabal tem um grande número de escolas municipais atendendo as necessidades de sua população, no tocante ao tratamento da violência escolar observamos que não há dados sobre o tema, existindo somente os projetos de autoria da Polícia militar que são desenvolvidos em parceria com a secretaria de educação. Na próxima seção são apresentados às características das escolas campo e os sujeitos que a compõem. Conhecer um pouco da realidade de cada instituição contribuirá para posterior análise.

3.1 A ESCOLA UEFUS

Os dados apresentados a seguir foram retirados do documento proposta pedagógica fornecida pela gestão da escola UEFUS, o qual contém as características da escola e suas metas na busca de melhorias na educação.

A escola UEFUS foi inaugurada no ano de 1940, possui uma área bem ampla com um pátio bastante arejado. No ano de 2018, a unidade de ensino passou por uma reforma estrutural para proporcionar mais conforto para os estudantes e servidores, atualmente essa unidade de ensino possui 11 (onze) salas amplas sendo 08 (oito) salas de aula em funcionamento com a média de 02(dois) ventiladores por sala e 02 (duas) salas sem uso, 03 (três) banheiros masculinos e 03 (três) banheiros femininos devidamente equipados com vaso sanitário e pia em bom estado de conservação, 01(uma) secretaria contendo 01 (um) computador, 01 (uma) impressora, 01(uma) sala de arquivo com 05 (cinco) armários, 02 (dois) banheiros todos com vaso sanitário, pia e chuveiro em perfeito estado de funcionamento e a sala da direção, (01). Uma sala de leitura com um acervo diversificado com livros com todas as disciplinas das series iniciais, e livros infanto-juvenis entre outros.

Conta também com (01) uma sala de professores, 01 (uma) quadra poliesportiva, uma caixa de som, 02 computadores, instrumentos musicais (tambor, corneta etc.), uma área de vivência, 01(uma) cozinha com os equipamentos. A importância da descrição dos aspectos acima repousa na fala de Abromovay, Cunha e Calaf (2009, p. 80) quando afirma que “Uma escola de qualidade depende, entre outros fatores, da infraestrutura, do espaço, das instalações, das possibilidades e dos recursos oferecidos aos seus alunos e professores”. Desta forma a comunidade escolar se sente mais motivada a aprender e respeitar a escola.

A escola fica localizada no centro da cidade. Em seu entorno encontram-se escolas particulares, clinicas, lojas, Igrejas, escolas profissionalizantes e residências de classe média. Algumas pesquisas têm relacionado a localização da escola em relação ao bairro como forma de explicar a violência escolar, principalmente quando a escola está localizada em bairros periféricos violentos, porém tem demonstrado que não há uma relação linear, pois existem escolas localizadas em bairros violentos que não apresentam episódios de violências e que demonstram ser lugares de proteção para os jovens daquela localidade. Ao mesmo tempo, existem escolas localizadas em bairros considerados não violentos que apresentam altos índices de violência, (CHARLOT 2002; SPOSITO 2001). E o caso da escola UEFUS localizada em um bairro central da cidade considerado não violento, porém conforme seu histórico apresenta um passado de violência, a qual a direção atual busca mudar.

A escola possui 400 alunos matriculados na faixa etária de 11 a 18 anos, cursando o ensino fundamental-final (6º ao 9º ano) nos turnos matutino e vespertino. Ressaltando que é ofertado a EJA (Educação Jovens e Adultos) em duas etapas no turno vespertino, na Terceira etapa (5ª e 6ª série) com a clientela na faixa etária está entre 16 a 18 anos, sendo que na quarta etapa (7ª e 8ª série) com a clientela acima de 18 anos. Segundo a direção da escola há baixa procura por vagas devido a histórico de violência da escola.

A comunidade escolar é formada por alunos de diversos bairros da cidade e povoados da zona rural, estes alunos são de famílias de baixo nível socioeconômico. A maior parte dos estudantes são filhos de trabalhadores rurais e trabalhadores assalariados, profissionais da construção civil, autônomos, vendedores do comércio local, domésticas, aposentados. De acordo com a triagem realizada pela escola cerca de 30% dos responsáveis legais tem baixa escolaridade e 28% dos estudantes já foram reprovados pelo menos uma vez por diversas razões como, mudanças de escola, inadaptação às normas, dificuldade de aprendizagem, não acompanhamento dos pais ou responsáveis.

Os fatores sociais não são determinantes para explicar o comportamento violento do aluno, nem o seu desempenho escolar, porém algumas pesquisas tem demonstrando evidências da exclusão social e a violência escolar. Para Tavares dos Santos (2001), os jovens ao se depararem com o contexto de exclusão econômica, cultural, com a falta de emprego, passam a ver a escola como local onde já não é possível lhe garantir um futuro promissor, segundo o autor este é um contexto social que contribui para emergência da violência escolar.

De acordo com o documento disponibilizado pela escola os alunos apresentam baixo desempenho nas avaliações, por falta de interpretação, falta de conhecimento nas disciplinas. As principais reprovações ocorrem nos anos finais e as principais disciplinas que geram o maior índice de reprovação são Língua Portuguesa, Matemática e Ciências. Além das reprovações a escola também apresenta um elevado número de abandono escolar.

A escola conta com um corpo docente composto por 26 professores, todos com graduação. No decorrer do ano letivo a instituição trabalha diversos projetos pedagógicos nos quais destacamos: “Construindo valores na escola”, “Promoção da cultura de paz na escola”, “Conservação do meio ambiente” e “Reforço/ recuperação”. Para garantir sucesso nos referidos projetos, são distribuídas funções visando disseminar informações e incentivar os professores e estudantes a participarem ativamente de todos os projetos, dispõem também de parcerias com Prefeitura Municipal de Bacabal, Secretaria da Mulher, Secretaria de saúde, CME- Conselho Municipal de Educação, Polícia Militar, Conselho Tutelar, estabelecendo dessa forma um fortalecimento do vínculo sociedade e escola.

3.2 AMOSTRA SOBRE AS CARACTERÍSTICAS SOCIOECONÔMICA DOS ALUNOS DA ESCOLA UEFUS

Buscando conhecer algumas características, como o perfil socioeconômico e a trajetória escolar dos alunos da UEFUS, foi aplicado um questionário a 27 alunos do 7º a 8º ano da EJA no turno vespertino. Esses alunos da turma da EJA foram escolhidos devido as suas idades, e pelo o fator de a escola no turno vespertino ofertar somente esta modalidade. É importante ressaltar que estes 27 alunos compõe uma amostra em relação a totalidade dos alunos que estão matriculados na escola, porém esta pequena amostra nos permite conhecer um pouco sobre estes discentes, contribuindo assim para o entendimento sobre as representações formadas sobre eles.

A EJA é voltada para os jovens e adultos que não tiveram acesso e continuidade da educação ao longo da infância ou juventude, segundo a LDB (1996), art. 38 a idade mínima para realizar os exames no nível de conclusão do ensino fundamental é de 15 anos. De acordo com nossa pesquisa os alunos que responderam ao questionário apresentam idade entre 15 a 22 anos, como pode ser observado na tabela a seguir.

Tabela 1 Alunos / Idade UEFUS

Quantidade de alunos	Idade
5	15
12	16
4	17
3	18
1	20
1	21
1	22
Total	27

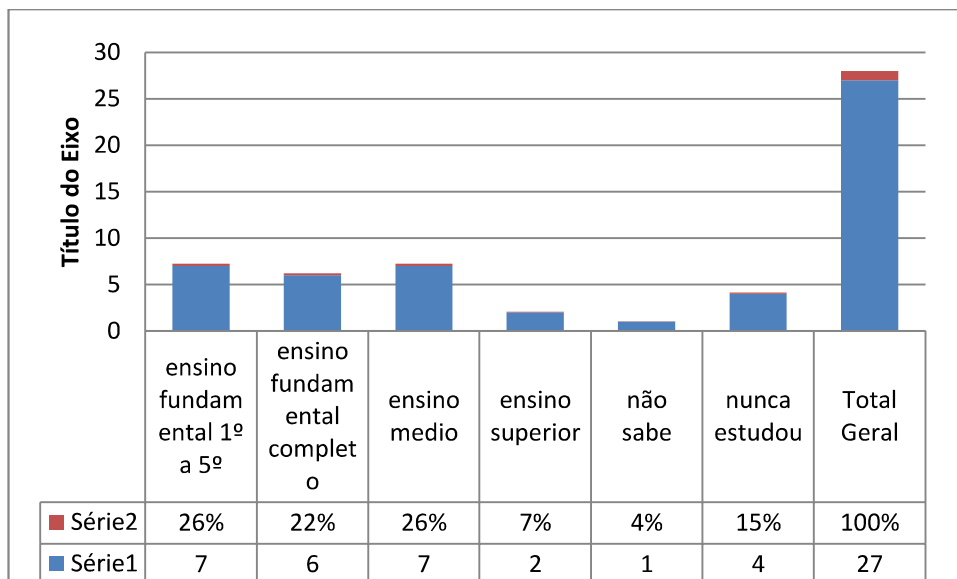
Fonte: elaborada pela a autora, (2020).

Conforme Cartelli Jr, Di Pierro e Giroto (2019), os jovens que se matriculam na EJA foram jovens que em algum momento tiveram acesso a educação escolar, porem tiveram trajetórias marcadas por reprovações, abandonos, também é comum eles serem encaminhados por gestores das escolas quando ultrapassam a idade de 14 anos e por autoridades socioeducativas. Os alunos que participaram da pesquisa todos já foram reprovados em

algum momento da sua vida escolar o que explica em parte a diferença de idade e serie que se apresenta.

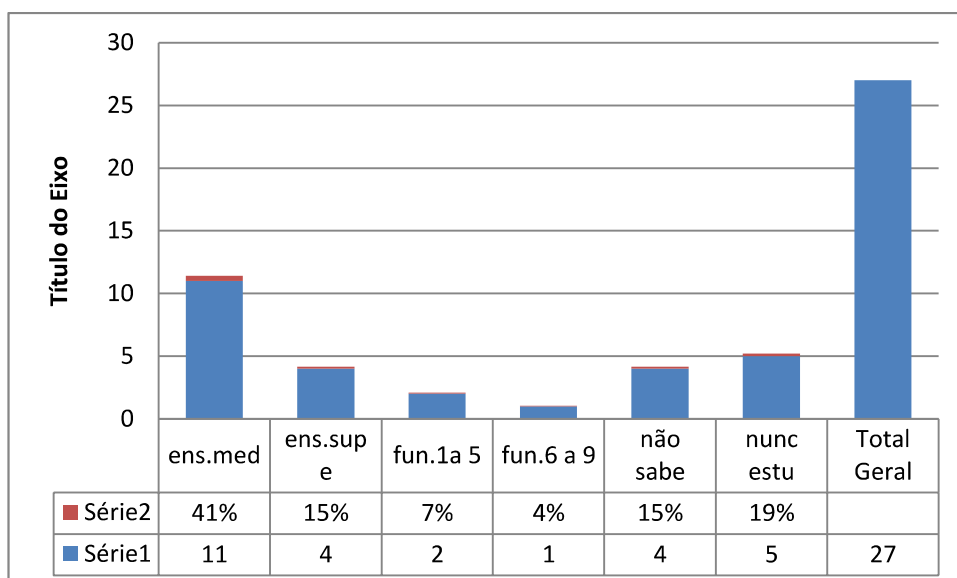
Para conhecer mais o perfil dos estudantes foram questionados sobre a escolaridade dos pais.

Gráfico 1: Escolaridade da mãe



Fonte: elaborada pela a autora (2020)

Gráfico 2: Escolaridade do Pai



Fonte: elaborada pala a autora (2020)

De acordo com os dados dos gráficos, as mães apresentam uma menor taxa de escolaridade no ensino médio em relação aos pais, porém ambos apresentam baixos níveis de escolaridade o que pode refletir em suas profissões e renda. Entre as profissões citadas estão pedreiro, lavradores, vendedores autônomos, empregada doméstica, cozinheira; a renda varia de 1 salário a 3 salários mínimo. Conforme um estudo realizado por Kubota (2019). “O peso do passado no futuro do trabalho: a transmissão Inter geracional do letramento” demonstra que o nível de escolaridade das mães reflete no alfabetismo dos filhos, quanto maior for o nível de escolaridade da mãe maior a probabilidade entre os indivíduos de 15 e 24 anos estarem estudado.

3.3 A ESCOLA UEFDEA

A escola UEFDEA teve sua origem, a partir de uma escola de reforço criada no ano de 1989 pelo presidente da união de moradores o Sr. Antônio Araújo junto com os associados, tendo como professoras, as senhoras Eliete e Helena. A escola funcionava no prédio da Associação da União dos Moradores. No ano de 1996, a escolinha tomou direção diferente, começou a implantar as séries iniciais do ensino fundamental e teve como gestora, a profa. Maria Oneide da Silva Nascimento. E, no ano de 2005, na gestão do então prefeito Dr. Lisboa e da Secretária de Educação Liduína Tavares foi nomeada como gestora a senhora Antônia Sousa Gonçalves.

Com o passar do tempo o espaço da escola tornou-se insuficiente para a clientela, a comunidade insistia por uma escola ampla, reconhecida e digna de receber seus filhos. Atendendo as reivindicações desta comunidade, o Deputado Eligio Almeida, elaborou um projeto com intuito de construir uma escola para este bairro. A prefeitura de Bacabal, com mesma gestão municipal, aprovou o projeto. Assim, em 2006 foi fundada a nova escola que recebeu o nome de UEFDEA, de acordo com a lei nº 1023 de 02 de agosto de 2006, inaugurada no dia 17 de abril de 2007.

Esta unidade de ensino é bem ampla, composta por 09 salas de aulas, 01 salas de informática, utilizada para diversas atividades, 01 biblioteca, 01 almoxarifado, 01 sala de professores com banheiro, 01 secretaria, 01 diretoria, 01 cantina com depósito, 03 banheiros, sendo 01 adaptado para alunos com necessidades especiais, 01 sala multifuncional e 01 pátio. Funciona nos turnos matutino e vespertino, atendendo do 1º ao 9º ano. O quadro de

funcionários é composto por 40 profissionais da educação, sendo 01 gestoras geral, 01 coordenadora pedagógica, 01 secretário, 01 auxiliar administrativo, 03 apoios pedagógico, 04 vigias, 05 auxiliares de serviços gerais. No total são 16 funcionários efetivos e 24 contratados.

A escola UFDEA fica localizada em um bairro periférico que possui o estigma de violento, um bairro vulnerável ao tráfico de drogas, no entorno da escola se encontra casas populares e bares. É importante descrever a estrutura física do prédio da escola, principalmente na forma de acesso ao seu interior. Existe um portão de entrada, porém este portão não dá acesso ao interior da escola, existindo um segundo portão para que se possa adentrar ao interior da escola. Chama atenção por ter um maior controle em relação a entrada de estranho no espaço escolar. Assim, ao se chegar na escola, primeiro passamos por um portão, e no segundo, está o vigia que pede a identificação e a exposição do motivo da ida a escola, enquanto na outra escola, a UEFUS o acesso é livre, não há solicitação de identificação, podendo facilmente adentrar e acessar os espaços.

A escola possuiu corpo docente composta por 19 professores. Durante o ano são realizados projetos de prevenção às drogas como o Programa Educacional de Resistência as Drogas Kids (PROERD KIDS), realizado com crianças do 3ºano do ensino fundamental. Em 2019 foi realizada a “Olimpíada de prevenção às drogas”, projeto desenvolvido pelo juiz da 3ª vara de Bacabal, Dr. Jorge Leite. No decorrer do ano são realizados também projetos de acordo com as datas comemorativas.

A comunidade escolar é formada por alunos dos bairros próximos a escola sendo sua grande maioria do próprio bairro, são alunos de famílias de baixo nível socioeconômico. A escola possui 223 alunos matriculados na faixa etária 6 a 17 anos matriculados no ensino fundamental do (1º ao 5º ano) turno vespertino e no ensino fundamental (6º ao 9º ano) no turno matutino. A seguir e apresentado, através de tabelas e gráficos ilustrativos, dados que demonstram o perfil dos alunos do 9º ano que responderam ao questionário, com finalidade de se construir um olhar sobre os mesmos que permita refletir melhor a realidade investigada em relação ao problema de pesquisa.

3.4 AMOSTRA SOBRE AS CARACTERÍSTICA SOCIECONÔMICA DOS ESTUDANTES DA UFDEA

Para obter as características socioeconômicas e a trajetória escolar dos alunos foi realizada a aplicação de um questionário com 22 alunos do 9º ano do turno matutino, a escola destes alunos se deu pelo o critério da idade. Os discentes neste pesquisa não se constitui os

interlocutores principais, porém a necessidade de conhecer algumas características destes discentes se dar pelo o objeto da nossa pesquisa a qual busca compreender as representações sobre a violência escolar, em que atos em análises tomam como referencias as atitudes, comportamentos e práticas, em sua maioria realizadas por discentes.

Tabela 2 Alunos/ Idade UEFDEA

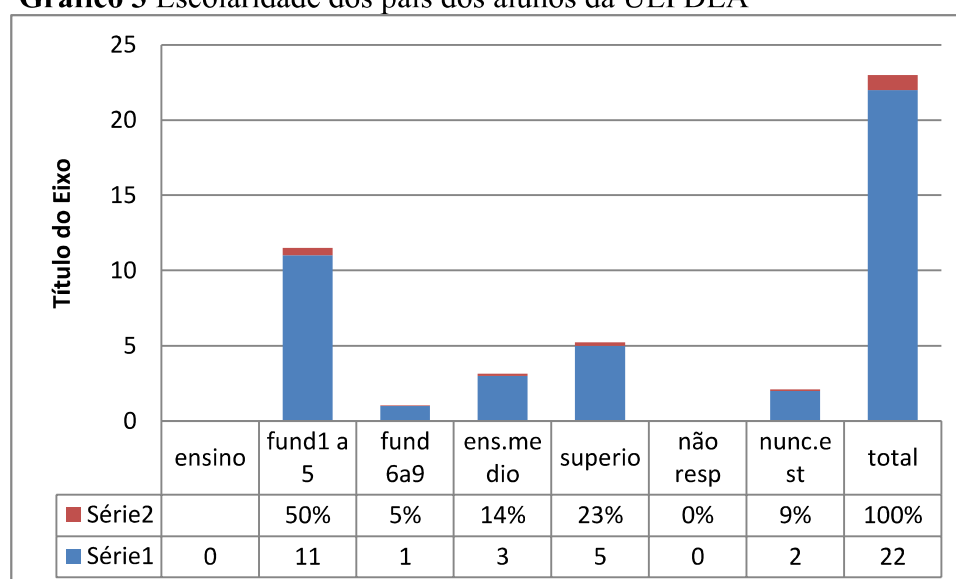
Idade dos alunos	Quant
14	6
15	12
16	3
17	1
Total	22

Fonte: elaborado pela autora, dados da pesquisa (2019)

Conforme os dados acima, os alunos que participaram da pesquisa possuem idade entre 14 e 17 anos, aparecendo 4 alunos em situação de distorção idade/série. A distorção ocorre quando o aluno está dois anos ou mais de diferença em relação a serie correspondente a idade, conforme previsto em lei. As principais causas da distorção idade/série decorre das reprovações e do abandono escolar, segundo dados do censo escolar 2018, a escola UEFDEA teve Taxa de reprovação 3,5%; taxa de abandono de 1,4% e taxa de aprovação 95,1%.

Em relação a escolaridade dos pais dos alunos dessa outra instituição, foi possível observar o que segue no gráfico abaixo.

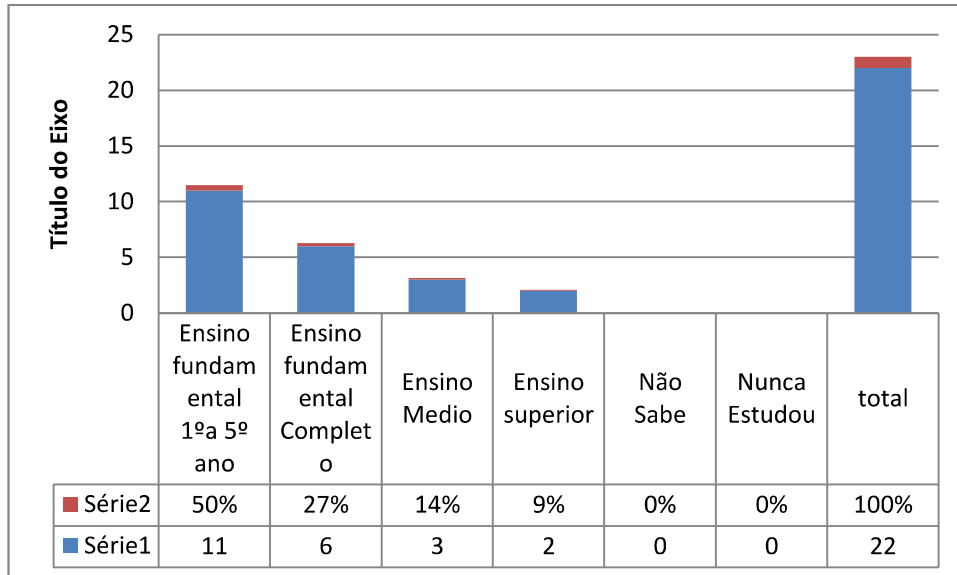
Gráfico 3 Escolaridade dos pais dos alunos da UEFDEA



Fonte: elaborada pela autora dados da pesquisa (2020)

De acordo com os dados coletados com os 22 alunos, 50% dos pais tem somente o ensino fundamental do 1º ao 5º ano, 5% ensino fundamental completo, 9 % nunca estudaram; 14% possuem o ensino médio e 23% possuem o ensino superior.

Gráfico 4 Escolaridade das mães dos alunos da UFDEA



Fonte: elaborada pela a autora dados da pesquisa (2020)

As mães, como se pode observar, apresentam uma maior escolaridade em relação ao Ensino Fundamental completo sendo 27 %. Porém, em relação ao Ensino Superior tem uma menor taxa somente 9 %, e ensino fundamental da 1º ao 5ºano sendo 50% em comparação entre os pais e mães estes apresentam níveis de escolaridade semelhantes.

Estes dados apresentam que estes alunos são de famílias de baixo nível escolar o que se reflete no nível de ocupação e renda, pois apresentam média de renda de menos de 1 salário mínimos a dois salários mínimos. A maior parte dos estudantes são filhos de pescadores, trabalhadores rurais e trabalhadores assalariados, profissionais da construção civil, autônomos, vendedores do comercio local, domesticas, aposentados.

3.5 CONHECENDO OS SUJEITOS DA PESQUISA: OS PROFESSORES

Os professores constituem os principais participantes desta pesquisa, assim se torna importante conhecermos um pouco sobre que são nossos interlocutores, sujeitos desta investigação. Desta forma a construção do quadro abaixo com dados sobre idade, formação,

tempo de trabalho na educação, dá visibilidade a estes aspectos. Contamos com a colaboração de 17 professores.

Quadro 1 Quadro demonstrativo/ Perfil dos professores- Escola UEFDEA

ESCOLA	PROFESSOR/ IDENTIFICAÇÃO	IDADE	SEXO	FORMAÇÃO		TEMPO DE ATUAÇÃO NA EDUCAÇÃO
				GRADUAÇÃO	ESPECIALIZAÇÃO	
UEFDEA	Professor 1	24 anos	Masculino	Ed. Física	Esp. em fisiologia do exercício Biomédico.	2 anos
	Professor 2	50 anos	Feminino	Pedagogia	Esp. em Matemática	20 anos
	Professor 3	43 anos	Feminino	Química/ Filosofia/ Pedagogia	-	19 anos
	Professor 4	50 anos	Feminino	Historia	Pós graduação em didática do ensino de Historia	29 anos
	Professor 5	27 anos	Feminino	Ciências naturais- físicas/ pedagogia		7 anos
	Professor 6	28 anos	Feminino	Ciências naturais- físicas/ pedagogia		4 anos
	Professor 7	26 anos	Masculino	Pedagogia	Pós-graduação em língua portuguesa	2 anos

Fonte: elaborada pela autora pesquisa (2019)

Ao todo participaram da pesquisa na escola UEFDEA 7 professores em sua maioria são mulheres todos com formação superior, a grande maioria apresenta especialização *latu sensu*, demonstrando a busca por mais qualificação e possuem mais de 5 anos de experiência na sala de aula, demonstrando ter vivência em relação ao tema.

Quadro 2 Quadro demonstrativo/ Perfil do Professor– Escola UEFUS

ESCOLA	PROFESSOR/ IDENTIFICAÇÃO	IDADE	SEXO	FORMAÇÃO		TEMPO DE ATUAÇÃO NA EDUCAÇÃO
				GRADUAÇÃO	ESPECIALIZAÇÃO	
UEFUS	Professor 8	45anos	feminino	Pedagogia	Esp. em gestão escolar	20 anos
	Professor 9	25 anos	Feminino	Ed. Fisica		1ano
	Professor 10	66 anos	Feminino	Filosofia		29 anos
	Professor 11	21 anos	Masculino	Matemática		1 ano

	Professor12	36 anos	feminino	Letras		12 anos
	Professor 13	36 anos	Feminino	Biologia		10 anos
	Professor 14	36 anos	Masculino	Biologia		16 anos
	Professor 15	45 anos	Feminino	Letras		15anos
	Professor 16	27 anos	Feminino	Geografia/ pedagogia		7 anos
	Professor 17	41 anos	Feminino	Pedagogia/	Esp. em gestão escolar	22 anos

Fonte: elaborada pela autora pesquisa (2019)

Na escola UEFUS, o número de mulheres prevalece em relação ao de homens, assim como na escola UEFDEA, nota-se que os professores possuem maior número de anos de exercício na profissão e a grande maioria possui somente a graduação.

Do total dos professores participantes 76% são do sexo feminino e 24% do sexo masculino, conforme estudo feito por Carvalho (2018), sobre o perfil dos professores brasileiros com dados do censo escolar 2017, os professores brasileiros em sua grande maioria são do sexo feminino, sendo 81% a nível nacional, estes se encontram principalmente no nível inicial do Ensino Fundamental. A faixa etária dos professores entrevistados varia entre 21 a 66 anos, destes 41% está na faixa etária entre 21 a 29 anos, demonstrando um perfil jovem dos docentes. Todos possuem escolaridade predominante de nível Superior em licenciatura, 12 % deste possui mais de uma graduação e 35 % possui especialização. Quanto ao tempo de trabalho na educação varia de 1 ano a 29 anos.

Durante a entrevista com os professores da escola UEFDEA, foi possível constatar que eles não consideram que a escola seja violenta, porém, foi destacado na fala de alguns a vulnerabilidade que o bairro apresenta como desencadeador da violência. Afirmam que no bairro existe violência, e que procuram durante a convivência dos alunos conscientiza-los sobre esse fato, destacando que o bairro necessita de projetos sociais que atendam aos jovens.

Na escola UEFUS duas professoras relataram sobre o receio que tiveram ao saber que iriam trabalhar na escola, conforme elas havia muitos comentários de que a escola era violenta porem ao chegar na escola foi constatado que não era como as pessoas comentavam e que agora a escola melhorou bastante em relação aos casos de violência.

De acordo com os dados, podemos considerar que a comunidade escolar é formada por indivíduos de diferentes idades e perfis sociais, tornando o ambiente escolar heterogêneo, e permeado por relações sociais complexas, assim ao observar o ambiente escolar estes fatores devem ser levados em consideração.

4 VIOLÊNCIA ESCOLA NA REDE MUNICIPAL DE ENSINO DE BACABAL: sentidos e representações docentes sobre o fenômeno.

No decorrer deste estudo, foram abordadas violências e violência escolar, sendo ambos constituintes de um fenômeno complexo, sobre o qual não existe um consenso, quanto ao seu conceito, assim foi se demonstrando como a literatura vêm tratando estes temas. Desta forma, refletimos sobre como a violência social envolve a escola interferindo na sua dinâmica, e também a violência produzida pela própria escola com base em diferentes autores, igualmente foi abordado aspectos que caracteriza o campo de pesquisa e seus atores.

Neste capítulo iremos apresentar as análises das representações que os professores possuem sobre a violência escolar, buscando compreender essas representações e como elas falam sobre o fenômeno e suas implicações. Para fundamentar as reflexões produzidas no exercício da análise, utilizaremos os estudos de Bernad Charlot (2002), sociólogo francês o qual propõe a categorização da violência escolar em violência á escola, da escola e na escola. A categorização criada pelo autor será nossa chave de leitura que permitirá ver/desvelar as representações docentes sobre o fenômeno. Além deste autor buscaremos contribuição teórica de outros autores.

4.1 SENTIDOS ATRIBUÍDOS À VIOLÊNCIA E A VIOLÊNCIA ESCOLAR

Através das entrevistas, foi possível conhecer os sentidos atribuídos pelos professores em relação à violência, visto que ao entendermos o fenômeno da violência social, teremos uma compressão melhor sobre a violência escolar, pois a escola como uma das instituições mais importantes não se encontra isolada do mundo exterior. Em nosso estudo quando perguntados sobre qual a concepção de violência? Algumas respostas obtidas entre a maioria dos professores que participaram da pesquisa demonstram que esses reconhecem que existem diversas formas de violências, porem as mais destacadas são as violências físicas e verbais. O quadro seguinte busca reagrupar as categorias e definições de violência recorrentes nas falas dos professores, a partir do tipo, características e intenções.

Quadro 3: Violência (s): sentidos apontados pelos professores

TIPO DE VIOLÊNCIA	CARACTERÍSTICAS	INTENÇÃO
	Atos de egoísmo	Agredir o outro

Física e Verbal	Falta de respeito	Causar dano físico, psicológico
	Intencional	Ferir
	Atos contra a Lei	Machucar
	Falta de diálogo	Maltratar
	Agressão	Ofender

Percebemos que os sentidos atribuídos pelos os professores quando falam da violência como falta de respeito pelo ser o humano, e como um ato em que o sujeito não consegue dialogar e parte para agressão, vai ao encontro com a explicação utilizada por Zaluar (2001), em que classifica a violência como à falta de compaixão pelo outro e a perda do diálogo. No entanto, embora algumas falas reconhecessem diversas formas de violências às características mais mencionadas são a física e verbal.

Destaco aqui a fala da professora 11 a qual diz “existe diversas formas de violências, porem a mais percebida são as violências física e verbal.”. Neste contexto, os sentidos atribuídos pela maioria dos professores referem-se agressão física e psicológica. O que vai ao encontro à visão do senso comum em identificar como violência apenas as que são mais visíveis como a violência física, deixando de reconhecer outras formas de violências como violência jurídica, institucional, econômica.

Neste sentido, Abromovay (2006), argumenta que, quando ao se referir à violência se destacar somente a violência física, nesses casos, está deixando de reconhecer o ganho civilizatório dos direitos humanos que reconhecem a pluralidade de identidades, em que atos como preconceitos de raça, gênero, classe são tratados como violência.

Deste modo, a literatura apresenta uma definição ampla da violência levando em consideração a estrutura macrossocial em sua explicação, assim destaco a contribuição de Chauí (2011) sobre o fenômeno, o qual a autora classifica de maneira abrangente em que violência é agir através do uso da força para agredir o outro, ir contra a sua liberdade, é a violação dos direitos de uma sociedade e se constitui presente nas relações sociais caracterizada pela a opressão, intimidação e medo.

Assim, estas violências sutis se encontram invisíveis na estrutura da própria sociedade, a autora argumenta que o mito da não violência disseminada na sociedade brasileira impede o povo de ver as outras formas de violências. Porém, não devemos esquecer que a compressão da violência depende do contexto de onde se fala sobre ela, sendo a construção destas representações marcadas pela a conjuntura histórica e cultural, de tal forma sabemos que a violência ocorre nas relações sociais e muitas vezes essas violências macroestruturais

contribuem para ocorrências deste fenômeno no interior da escola, contudo, a violência escolar tem sua própria especificidade, mas que não pode ser discutida a parte da sociedade como se esta estivesse isolada.

Em relação à violência escolar, foi questionando se existe violência escolar? E como eles definem este tipo de violência? O resultado apontou que os professores 2, 6 e 5 da UEFDEA reconhecem à existência da violência escolar, reafirmando o que foi constatado no quadro 3 sobre os tipos de violência.

Professor 2 (UEFDEA) “*Sim. Falta de respeito entre os alunos.*”

Professora 6 (UEFDEA) - “*Sim. Agressão física e verbal. As violências do dia- a dia.*”

Professor 5 escolas (UEFDEA) - “*sim agressão física e verbal entre alunos.*”

Assim como a violência em geral, a violência escolar não possui um conceito único, o significado atribuído a ela possui relações com a violência geral, sendo identificada e contextualizada de diversas formas por diferentes autores. Alguns autores optam por uma classificação ampla considerando desde atos de indisciplina a violência duras.

Charlot (2002) contribui com este estudo ao classificar a violência em três categorias, *violência da escola* a qual decorre das atividades escolares, dos funcionários a forma como os alunos são tratados. *Violência à escola* que são atos praticados contra a escola. E, *Violência na escola* são atos que não são decorrentes da atividade escolar mais que ocorre dentro do espaço escolar, porém poderia ter ocorrido em qualquer outro lugar. Além destas categorias o autor aborda a questão da *incivilidade*, atos que prejudicam a convivência no ambiente escolar, que são contrários as regras básicas da sociedade, como empurrões, palavras ofensivas, ataques cotidianos repetitivos.

Observa-se nas falas acima que a definição da violência no espaço escolar não difere da violência que ocorre fora da escola, portanto as representações da violência que existem na sociedade contribuem para a constituição das conceituações sobre a violência escolar. Nestas falas é definida principalmente a partir de sua tipologia e caracterizada principalmente como uma violência praticada entre alunos, estes se constituem os principais autores e vítimas desta forma a violência praticada pela a escola não é reconhecida na fala dos professores. Outro fator presente nestas falas refere-se à forma como a violência escolar é vista de forma banalizada quando se refere a ela como “violências do cotidiano”.

Entre as definições atribuídas pelos os professores também são reconhecidos as violências do código penal, assim como a associação da violência escolar ao bullying e seus

efeitos na vida de quem sofre. Alguns professores definem a violência escolar como sendo o bullying, “agora as violências são chamadas de bullying, estas fazem muito mal provocando depressão e até mesmo o suicídio” (PROFESSOR 08 UEFUS). O bullying é uma das formas de violência a qual vem obtendo maior destaque principalmente na mídia o que influencia na sua maior visibilidade e conhecimento pelos docentes.

Debarbieux (2006) evidencia que o bullying se caracteriza por ser uma violência física ou psicológica praticada por um ou vários agressores ao longo do tempo, em que a vítima se caracteriza por ser mais fraco e não consegue se defender, porém ao referir a violência escolar somente ao bullying deixa-se de levar em consideração as violências causadas por outros autores escolares, assim como as violências praticadas contra a escola. Segundo este autor “o bullying é um conceito psicologizante, que tende a individualizar o problema e a se tornar responsáveis o agressor ou a vítima, por vezes a família ao minimizar a influência do contexto socioeconômico e a das instituições” (DERBABIEUX, p.109, 2006).

Além destas representações sobre o que vem a ser a violência escolar outras respostas destacaram a relação dos estudantes com as famílias, atribuindo a questão moral como causa da violência, como pode ser observado nestas falas:

Professor 04 (UEFDEA) - *“Os alunos trazem problemas de casa e descarregam aqui na escola, falta de limite reflexo que tem em casa e trazem para a escola, procuram chamar atenção”*.

Professor 09 (EUFUS) - *“A violência está presente em todos os lugares. As famílias estão deixando de fazer sua parte, as éticas morais das famílias estão mudadas, as crianças já chegam na escolar muita agressivas, a violência escolar são agressões contra professores e entre alunos e alunos.”*

A família se constitui em um dos elementos mais presentes na fala dos professores no contexto sobre a representação da violência escolar, sendo atribuído a estes a responsabilidade sobre o fenômeno relacionando como a perda da moral, e a falta de controle sobre os jovens, assim como reflexo de educação, que não dão atenção aos filhos. Abromovay e Castro, (2006) argumentam que a relação escola e família não possuem um diálogo fácil, sendo duas instituições responsáveis pela socialização das crianças e que possuem projetos em relação ao mesmo sujeito, mas que não qualificam o sujeito com parâmetros iguais, e quando se refere a formação da criança como cidadão as duas instituições trocam acusações e transferências de responsabilidade.

A família é o primeiro local de socialização das crianças, onde se constrói a referência psicológica, afetiva, material e social. Porém, a família é uma das instituições mais afetadas pelo ritmo da modernidade, pelas transformações do

mundo do trabalho, da cultura, das relações sociais e de afirmação de identidade/individuação, bem como pelas mazelas da economia política neoliberal – em particular no caso das classes médias e populares – o que afeta os processos de parentalidade, já elevados por ambiguidades nas definições de papéis: ser adulto, ter autoridade, ser pai, ser mãe. É recorrente em tais situações delegar à escola a função de formação de adultos, uma vez que os parâmetros e as possibilidades materiais para tanto estão vulnerabilizados para a família (ABROMOVAY; CASTRO, 2006. p 63).

Neste cenário a escola tece duras críticas em relação à família e, apresenta dificuldade para entender toda a problemática que envolve a família. Sposito (2001), Abromovay e Rua (2002), apontam que devido ao processo de massificação da escola, estas, tiveram de acolher sujeitos diversos e não se encontravam preparada, por ainda possuir nos dias atuais a imagem do aluno ideal, com uma família modelo idealizada pela escola. No entanto o diálogo é essencial entre as duas instituições, e a adaptação às transformações que a modernidade traz, pois só a cooperação entre estas podem possibilitar caminhos de combate à violência escolar.

Embora os professores reconheçam que existe violência escolar, existem alguns que demonstraram ter receio de falar sobre este assunto como podemos observar na seguinte fala.

A violência escolar é ruim porque as escolas que possuem os pais não querem matricular os filhos, a violência na escola em minha opinião é uma coisa abafada porque as coisas que ocorrem na escola a gente mesmo resolve dentro da própria escolar, não é preciso ficar expondo fora dela tudo é resolvido entre pais, diretores, professores. (PROFESSOR 04, UEFDEA)

Percebemos na fala acima o receio de a escola ser reconhecida como uma escola violenta, fato este que é demonstrado em outras pesquisas como a de Marra (2004), ela narra que em sua busca para fazer a pesquisa na escola percebeu que o diretor, o pessoal da escola queria passar uma imagem de proteção da escola.

Em síntese a violência escolar possui diferentes significados de acordo com cada docente entrevistado, essas representações são reflexos dos contextos sociais e históricos em que vive cada indivíduo, demonstrando o que a literatura aponta ao se abordar a questão de se trabalhar com a conceituação de violência, assim observa que a violência é definida partir de atos concretos e muito permeada por juízos de valores. As falas demonstram que os professores possuem uma compressão ampla das formas de violência que ocorre no interior da escola não estado somente limitado a questão da violência física.

4.2 PRINCIPAIS FORMAS DE VIOLÊNCIA ENCONTRADAS NA ESCOLA SEGUNDO OS PROFESSORES

Sabemos que a violência escolar se apresenta de diversas formas, aqui iremos abordar as principais formas descritas pelos professores nas escolas pesquisadas. Em um primeiro momento todos os 17 professores afirmaram que existem situações consideradas como violência na escola onde trabalham, não sendo de teor grave, mais casos como agressões verbais, falta de respeito atos que conforme Charlot (2002) são classificados como incivildades.

De acordo Abromovay (2006, pág. 114) “as incivildades são antes de tudo, uma noção sociológica que remete as representações sociais e as percepções das pessoas”. Na tabela a seguir é demonstrando as formas de violência relatadas pelo os professores que se encontra presente no interior das escolas.

Quadro 4 - Formas mais comuns de violência (s)

Violência verbal entre alunos por motivos de lugares e objetos
Falta de respeito, xingamento.
Brigas, muitas vezes começam na rua e eles terminam na escola.
Falta de respeito com professores e outros funcionários, agressão física e verbal com os colegas.
Bullying, conflitos
Brincadeiras que possuem teor agressivo, pontapés, empurrões intimidação aos colegas, apelidos que faz a vítima se isolar.
Violência verbal entre pais e professores, violência física e verbal entre alunos.

Fonte: elaborado pela autora (2020)

Conforme aponta o quadro 4 os professores classificam como a principal forma de violência presente no interior da escola a violência verbal a qual decorre de diferentes motivos, ela se caracteriza como falta de respeito, xingamentos, forma grosseira de falar com os colegas. Segundo Charlot (2002) esses atos no interior da escola são condutas que se contrapõem as boas regras de convivência, porém quando estes atos são repetitivos há um acúmulo, cria se um espaço em que professores e alunos se sentem desrespeitados sendo atingido em sua dignidade, deste modo podem ser denominadas de violência. Igualmente Derbabeux (2006), classifica as incivildades dentro da categoria de micro violências elas não se constituem graves, mais é sua repetição que ocasiona um sentimento de perda de confiança nas instituições, destrói os laços sociais, e traz o sentimento de impunidade para quem pratica. Segundo Abromovay (2006), as incivildades quando abordadas em visão ampla da violência no contexto escolar são tratadas como violências e se constitui os casos mais comuns relatados pelas as pesquisas.

De acordo com os motivos que são descritos pelos entrevistados podemos classificar as situações relatadas conforme as categorias propostas por Charlot (2002).

4.2.1 Violência da escola

Nesta categoria temos a violência da escola ao qual é gerada pela a própria escola, esta violência ela ocorre dentro da escola, mas também pode ocorrer fora da escola, como por exemplo ocorre nas relações com a família e a comunidade. A seguir temos um fala de um professor a qual classificamos como violência da escola.

Professor 1 (UEFDEA) “*violência verbal entre alunos por motivo de lugares e objetos*”.

Podemos classificar este caso como uma violência que decorre da forma como a sala de aula se encontra organizada, geralmente a mesma se encontra organizada em filas como forma de obter um melhor controle da localização e vigilância dos alunos, assim diminui o contato entre eles diminuindo a comunicação e obtendo controle sob suas atividades. Foucault (1987). Há alunos que desde o primeiro dia de aula demarca o seu lugar, e se outro sentar se torna motivos de agressões.

Conforme Charlot (2002) ao reconhecer as diferentes formas de violência em categorias distintas está contribuindo para que se tenha o tratamento adequado, ao entendemos as partes deste fenômeno teremos compreensão do todo. Assim ao reconhecer esta categoria de violência praticada pela a própria escola se torna possível a ação de mudança.

4.2.2 Violência na escola

Em outra fala o professor destaca que as brigas entre os alunos começam na rua e eles trazem para a escola, ou seja, a escola é o local onde ocorre o desfecho, o que de acordo com Charlot (2002) se configura em uma violência na escola. Complementado esta fala, a professora 10 (UEFUS), destaca “*em muitos casos a violência que ocorre na sala de aula, os alunos trazem de fora problemas de casa e chega aqui encontra o professor mal-humorado*”. Conseqüentemente já se encontra os elementos propícios para explosão de violência.

Professor 14 (UEFUS) “*Um caso de 5 alunos que agrediram outro até chegar socorro, o aluno agredido teve que ir para o hospital*”.

Professor 17 (UEFUS) “*Há casos em que alunos seguram o outro e os outros batem*”.

Além destes casos há relatos dos professores de alunos portando arma branca no interior da escola, *“Houve um caso em que o professor passou próximo ao aluno e ele deixou cair da mochila uma faca”* Professor 8 (UEFUS).

A presença de armas no interior da escola se torna fato preocupante, pois torna o ambiente inseguro, a qualquer conflito aumenta a probabilidade do uso desta, tornando os alunos vulneráveis a agressões mais graves e homicídios. Ruotti, Alves e Cubas (2006), destaca que a presença de armas no interior da escola ocorre de forma rara, em alguns casos os alunos usam como forma de se proteger da violência que ocorre fora da escola.

Como podemos notar nesta categoria a violência decorre de fatos externos à escola relacionados a estrutura social a qual a escola se encontra inserida, sendo este fator à impossibilitando de buscar uma transformação.

4.2.3 Violência à escola

Caso de agressão verbal é relatado pelo o professor 11 da UEFUS desta vez praticada por pai de aluno em relação ao professor. *“Já sofri violência verbal com pais de alunos, ele já chegou aqui com “cinco seis pedras” para cima de mim, sendo que o que foi descrito pelo o aluno para ele foi o que realmente não tinha acontecido”*.

Neste caso a violência foi praticada por uma pessoa de fora do ambiente escolar, mas que possui ligações com alguém que pertence à escola decorrente das formas de tratamento que ocorrem entre os atores da comunidade escolar, assim podemos classificar em uma violência a escola e da escola, pois como aponta Charlot (2002), a violência da escola se configura por ser uma violência que decorre da forma que os funcionários da escola tratam os alunos, das regras impostas que não fazem tanto sentido, e a violência à escola consiste em depredação da escola assim como agressões aos funcionários. Assim, estas duas formas de violência se encontram ligadas, a violência à escola decorre da violência da escola.

Pode notar-se como afirma outras pesquisas Charlot (2002), Debarbieux (2006), Abromovay e Rua (2002), os casos graves de violência que são bastante noticiados pela mídia, como homicídios, agressões físicas graves são poucas encontradas no interior da escola, sendo comum o que foi constatado na nossa pesquisa as agressões verbais.

4.3 O ALUNO VIOLENTO NA PERCEPÇÃO DOS PROFESSORES.

Sendo os alunos as principais vítimas e autores da violência escolar, foi questionado aos professores: O que é um aluno violento? Segundo 2 professores, não têm como definir um aluno violento, porque muitos são calmos, mas diante das situações que ocorrem no cotidiano escolar agem de forma violenta. A fala da professora 14 (UEFUS), expressa essas características. *“Complicado definir porque em muitos casos a violência parte do aluno que não esperamos, aluno quieto, calado que não mexe com ninguém”*.

Diferente destas falas outros 6 professores destacam que os alunos violentos apresentam características agressivas, como o modo de falar, possui personalidade agressiva, partem para a agressão por qualquer motivo, ninguém pode olhar para ele. Charlot (2002, p. 432), argumenta que a agressividade é uma disposição biopsíquica reacional a frustração (inevitável quando não podemos viver sob o princípio único do prazer) leva á angustia e agressividade. Sendo está uma característica biopsíquica necessita de uma estímulo do ambiente para ocorrer, assim alunos considerados quietos diante de determinadas situações agem de forma agressiva.

Além destas características citadas outros atributos são destacados pelos professores.

Professor 15 (UEFUS) *“É um aluno que age com falta de respeito e chega a ter atos de agressão física”*.

Professor 8 (UEFDEA) *“É um aluno que interpreta as situações do cotidiano de forma errada, um aluno mal compreendido pela a classe e sociedade, muitas vezes se torna violenta devido à ausência da família.”*

Professor 9 (UEFUS) *“Um aluno que não teve uma boa formação moral, não teve uma convivência familiar saudável, não sabe expressar o seus sentimentos e parte para agressão, um aluno violento nem sempre é violento porque quer mais porque a sociedade o tornou assim.”*

Professor 12 (UEFUS) *“Um aluno que não teve base educacional moral”*.

Percebemos nestas falas, aspectos relacionados a formação moral dos jovens, assim como características psicológicas dos alunos, sendo atribuído principalmente a família a responsabilidade pela forma como os jovens se comportam, o modelo de comportamento da família é assimilado pelos os filhos e reproduzido na escola porém é percebível em algumas falas não só a responsabilidade dos alunos ou da família mais a sociedade em geral pela a forma que os jovens se comportam.

4.4 PRÁTICAS ADOTADAS PELOS PROFESSORES E A ESCOLA PARA O ENFRETAMENTO DA VIOLÊNCIA ESCOLAR

Diante do cenário de violência em que se encontra o professor no local de trabalho, foi questionada a forma como eles agiam diante das situações de violência escolar, sendo que 99% dos professores destacaram que adotam o diálogo como forma de resolver as manifestações de violência que ocorrem no interior da escola, conversa com os alunos mostrando o seu comportamento, a forma que devem respeitar ter tolerância com os colegas, professores. Pela resposta dos professores estes se demostram aberto ao diálogo com os alunos.

Professor 5 (UEFDEA) *“Através do diálogo, exemplo alunos que são colocados para fora da sala de aula a gente conversa com eles demonstrando que o dever deles na escola principalmente em relação à cidadania”*.

Professor 6 (UEFDEA) *“através da conversa, mostro a forma de tratar o colega o professor”*.

O diálogo é defendido por diversos pesquisadores, Abromovay e Castro (2006), Tavares dos Santos, (2001), argumentam que a escola é o espaço onde existe uma diversidade de pessoas, se constituindo o local propicio para resolução dos conflitos e prevenção da violência, as construções das relações devem ocorrer através do diálogo. Para poder afirmar o discurso do diálogo impõe-se, portanto, não somente o fortalecimento das instituições escolares e a afirmação do espaço social multicultural, como o reconhecimento do conflito como potencialmente criador de laços sociais (TAVARES DOS SANTOS 2001, p. 121).

Apenas uma professora relatou que não sabe agir diante dos casos de violência, pois os professores não estão preparados para enfrentar casos de violência. *“É muito complicado, os professores não estão preparados para lidar com essas situações, adolescentes que chegam à escola com uma formação de uma sociedade onde aceitar tudo é correto.”* Professor 09 (UEFUS).

Podemos observar uma atribuição a formação moral como o aluno chega a escola como causa dos professores não saberem lidar com a violência escolar ao mesmo tempo em que o professor demonstra não estar preparado para estas ocorrências de violência. Algumas pesquisas tem apontado para a formação dos professores que não contempla a temática da violência escolar, Zechi (2008), em sua dissertação sobre as pesquisas em relação ao tema da violência escolar observou que os pesquisadores referem-se a formação inicial e continuada como forma de preparar o professor para intervir em situações e reduções de violência escolar, essas pesquisas apontam que os cursos de formação de professores não abordam o

tema em questão, não fornecendo conhecimentos necessários aos professores para lidar com a questão da violência escolar.

Entre os docentes, 29% afirmaram que a problemática da violência escolar é trabalhada em suas aulas. O professor de português enunciou que o tema da violência está dentro do seu planejamento pedagógico, sua abordagem na sala de aula ocorre através de textos principalmente através do gênero quadrinhos *“trabalho em sala de aula na minha disciplina, eu trabalho o gênero quadrinhos onde os alunos podem elaborar suas histórias. São mostrados exemplos de violência onde eles podem compreender que são coisas erradas”*. Professor 07 (UEFDEA). Igualmente ao professor anterior, a professora 15 (UEFUS) também expressou a forma em que aborda o tema com seus alunos, *“dialogando frequentemente com os alunos e trabalhando temas atuais como vídeos textos com temas de companheirismo paz solidariedade”*.

As duas professoras da disciplina de filosofia afirmaram que trabalham o tema da violência através dos conteúdos da ética e moral.

Professor 10 (UEFUS) *“como eu trabalho filosofia eu abordo a questão da ética”*.

Professor 09 (UEFUS). *“Trabalho com a disciplina de filosofia dentro da ética e moral, trabalho o tema da violência pregando o respeito, pois esta é a única forma de acabar com a violência”*.

Outros 29% expressaram que abordam o tema da violência com os alunos somente quando ocorre algum caso em sua sala de aula. *“Na sala de aula eu só abordo quando ocorre algum caso”*. Professor 6 (UEFDEA). 41% dos docentes afirmaram que o tema não é abordado na sala de aula.

Como podemos observar o tema da violência escolar é abordado pela maioria dos professores mesmo que não seja reservado um horário da aula para falar sobre o assunto os professores se mostram abertos para trabalhar o tema com os alunos, alguns professores se utilizam dos temas das suas disciplinas para abordar a questão da violência como é o caso das professoras de filosofia.

Em relação às práticas desenvolvidas na escola como forma de combater a violência foram destacados pelos professores a realização de palestras, projetos que visam o combate a violência e o combate as drogas. Entre os projetos de combate a violência e drogas é mencionando o Programa educacional de resistência as drogas e violência (PROERD), na escola UEFDEA, na mesma escola a professora 4 relata que é uma facilitadora, inclusive participou do treinamento oferecido pelo fórum de Bacabal Os facilitadores são grupos formados por membros da escola que fazem parte do projeto justiça restaurativa e círculos de

paz, realizado pela o poder judiciário de Bacabal 3º vara da família e o Conselho municipal de políticas sobre drogas de Bacabal, tem o objetivo promover círculos de paz para resolver conflitos.

Na Escola UEFUS foi desenvolvido no último semestre do ano dois projetos de iniciativa da própria escola um abordava o tema: trabalho valores na escola, que visa despertar nos alunos os valores de solidariedade, respeito, estimular hábitos e atitudes que melhore a convivência dos alunos, em cada quinzena do mês era trabalhado um valor, como respeito, responsabilidade, dedicação, tolerância, união, justiça, honestidade, amizade, amor. O outro projeto abordava o tema: Promoção da cultura de paz, cidadania e direitos humanos. O referido projeto debatia o tema da violência escolar junto a toda a comunidade, buscando identificar a natureza dos focos que geram a violência, buscando junto a comunidade escolar desenvolver medidas para a prevenção da violência estimulado uma cultura de paz.

Estes projetos na escola UEFUS não foram citados pelos professores no decorrer da entrevistada, entretanto a descrição destes projetos foi relatada pela a coordenação. Em relação às práticas adotadas pelas duas escolas como forma de combater a violência escolar percebem-se na escola UEFDEA que são projetos realizados por outras instituições. Aspectos externos à escola em relação ao bairro em que se encontra localizada, como os padrões sócio demográficos da população e a violência urbana, desenvolveu nos residentes de Bacabal o estigma de o bairro ser violento o que é relatado por alguns professores e em parte explica o desenvolvimento de projetos por outras instituições.

Professor 2 (UEFDEA) *“A escola está localizada em um local carente, muito violento qualquer coisa é tiro é drogas, é muito complicado, já teve alunos que foram mortos por causa das drogas.”*

Professor 4 (UEDEA) *“As drogas são a maior causa da violência, inclusive aqui nesta escola ela está localizada num local muito problemático em que temos muitos alunos envolvidos com estes tipos de problemas que são as drogas”.*

Conforme Abromovay, (2006 p. 259) “o espaço sócio territorial onde a escola se localiza tem influência sobre o seu cotidiano e a percepção de segurança dos alunos e adultos”. Ruotti (2010) argumenta que a realidade externa à escola adentra o muro escolar de duas formas uma causando incerteza aos membros da escola através do tráfico de drogas e a outra influenciado a forma como os alunos são vistos e a os meios necessários para realização da educação.

Na escola UEFUS os projetos são desenvolvidos pela própria escola, percebemos no projeto desta escola uma maior preocupação em entender as causas da violência escolar, a

violência que ocorre no interior da escola e busca o envolvimento de toda a comunidade escolar, enquanto na escola UEFDEA os projetos são mais relacionados ao combate da violência externa da escola esta violência de certa forma atinge a escola e consiste em um dos problemas da escola.

Entre os mecanismos que visam coibir atos de violência na escola foram citados pelos professores 18% dialogo, 41% projetos, como forma de conscientizar os alunos sobre a violência, 12 % orientação sobre as regras escolar, 12 % conversas com os pais, 6 % punição, 6% reuniões e 5 % responderam que não sabem quais os mecanismos utilizados para coibir a violência escolar. Compreende a princípio que escola está mais aberta a utilizar mecanismo que usa mais as palavras evitando as punições.

Questionado sobre quais as medidas devem ser adotadas pela escola em casos de violência escolar segundo 12% dos professores destacaram que a escola deveria ter psicólogos e os alunos deveriam ser encaminhados para estes, *“O correto seria um profissional adequado para lidar com estes alunos como um psicólogo”*. Professor 9 UEFUS. A professora 14 UEFUS apontou as medidas adotadas: é o encaminhamento para a direção e este aplica as medidas de acordo com o regimento.

Segundo Aquino (1998), a ação escolar sofre os efeitos de outros contextos institucionais como a família, a política que influencia nas relações da escolar, diante deste cenário o professor não sabe como agir diante da violência visto que ela é um fenômeno que possuiu sua gênese exterior a escola então a resolução consiste fora da escola e assim às medidas tomadas são o encaminhamento para a diretora, para os pais, psicólogo, polícia e em último caso ocorre a transferência.

Ressalta-se que 35% afirmaram o diálogo com os pais sendo a medida adequada em relações aos casos de violência, Abromovay e Castro (2006), Zechi (2008), defendem a articulação entre a escola e a família como forma viável de resolver o problema da violência escolar.

Professor 7 (UEFDEA) *“Fazemos reuniões com os pais, conversamos para resolver a situação, a escola sozinha não consegue precisa da participação da família”*.

Professor 3 (UEFDEA) *“Reunião com os pais. Porque às vezes a violência não é de dentro da escola, ela sempre vem de fora de dentro da família, vizinhos”*.

Percebe-se que o diálogo está presente em muitas das respostas dos educadores, como a principal forma de resolver os conflitos e casos de violência, a prática do diálogo constitui as relações escolares democráticas.

Complementando estes professores, outros 12 % afirmam que se deve buscar a ajuda da família e também de outras instituições como a polícia, igreja, conselho tutelar. Em relação a polícia, algumas pesquisas tem mostrado que sua inserção no interior da escola possui opiniões diferentes. Marra (2004) demonstra em uma escola pública, a polícia se constitui uma exigência dos profissionais da escola como proteção diante aos atos de violência e invasões que ocorriam no estabelecimento. Porém, outros professores tinham a percepção de que os policiais não são capacitados para lidar com os alunos, visto que são formados para combater a criminalidade.

No entanto diversos estados do Brasil têm adotado convênios com a polícia para prevenir a violência nas escolas, no Estado do Maranhão a atuação da polícia militar nas escolas ocorre desde 26 de maio de 1988 através do convênio entre a Polícia Militar do Maranhão (PMMA) e a Secretaria Estadual de Educação, através deste convenio criou o Grupo Especial de Apoio às Escolas (GEAPE), sob a portaria nº 028/2003, hoje recebe o nome de ronda escolar presente principalmente na capital do Estado e em algumas cidades do interior onde apresenta maiores índices de violência escolar, suas ações são de cunho educacional e preventivo, baseados no princípio da polícia comunitária. (SECOM, PMMA, 2017).

Quanto a não ser possível se resolver situações de violência por meio do diálogo, 41% dos professores dizem ser necessária adotar medidas punitivas como advertência, suspensão de três dias e em último caso a expulsão. As medidas punitivas são aplicadas de acordo com as regras da escola e são utilizadas desde atos de indisciplina aos atos mais graves como a violência física. Nos casos dos atos graves o conselho tutelar é acionado e o aluno é transferido.

A professora 09 (UEFUS) considera a transferência como um ato de violência praticado pela a escola que não resolve o problema mais apenas transfere para outra escola. *“Geralmente se utiliza a violência não sendo a forma correta. Porque apenas transfere o problema para outra escola”*. Da mesma forma a professora 10 (UEFUS) argumenta que a transferência faz o aluno ficar magoado e querer jogar esta magoa na instituição para qual é transferido.

É muito complexo, começa na sala de aula e em muitos casos não conseguimos resolver, quando não conseguimos é necessário dar a transferência e quando este aluno chega à outra escola chega muito ressentido. Aqui teve um caso de um aluno que veio com a transferência de outra escola e chegou aqui muito agressivo. (PROFESSOR 10, UEFUS)

Nota-se que os professores reconhecem que a prática da transferência não resolve o problema e que em muitos casos apenas contribui para o seu agravamento, em relação ao conselho tutelar este órgão é o responsável por garantir os direitos dos alunos e em muitos casos ele é chamado quando ocorrem casos graves e envolvimento de alunos com drogas, mas ele também é criticado por professores por terem a percepção que pouco compreende a atuação deste órgão.

Antigamente quando não tinha normas muitas rigorosas a gente deixava o aluno sem assistir as aulas, mas hoje não podemos até porque se fizemos assim vai diretamente para o conselho do tutelar, e o conselho tutelar nem sempre ajuda. Em vez de ajudar faz é atrapalhar a escola possui suas normas para ser obedecidas, eles chegam com as normas deles e reprovam a norma da escola. (PROFESSOR 10, UEFUS).

De acordo com Ferreira (2010), existe uma falta de clareza da parte da escola sobre a função do conselho do tutelar que em muitos casos são chamados para resolver questões ligadas a indisciplina, porém a parceria entre a escola e o conselho tutelar deve ser uma via de mão dupla, tanto ele aciona a escola como em casos de matrículas de alunos, como a escola aciona o órgão em casos que já tenha procurado resolver, mas não encontrou solução como a evasão escolar, baixa frequência, e a violência.

Os professores diante do cenário de violência escolar se mostram otimistas e acreditam que é possível combater a violência escolar, alguns destacam a parceria que a escola deve ter com a família, assim como desenvolvimento de projetos que vise conhecer as causas dos comportamentos dos alunos e o resgate dos valores como respeito.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo buscou contribuir com a comunidade acadêmica e geral sobre a temática da violência escolar, fenômeno este presente no cotidiano de diversas escolas, buscando compreender as representações sobre a violência escolar a partir das percepções dos professores do ensino fundamental de Bacabal. Os dados analisados revelaram que os professores tem consciência da violência no ambiente escolar, sendo as suas representações formadas a partir do contexto social ao qual estão inseridos, neste sentido as definições de violência escolar são associados principalmente a atos de agressão física e verbal, praticados principalmente pelos os alunos, constatou-se nas falas dos professores a aceitação da violência como algo normal “do dia a dia”, além de explicações simplistas as quais generalizam a violência pela ótica do familiar impedido de reconhecer a escola como também sendo produtora de violência.

Sendo a percepção da violência fator importante no combate e prevenção da violência escolar, durante a elaboração deste estudo foi discutido o conceito de violência social, que engloba na sua compressão as estruturas sociais e as desigualdades presente na nossa sociedade decorrentes das suas transformações provocadas pelo o sistema econômico vigente e a globalização, este conceito se constitui de suma importância para compreender as representações construídas pelos os professores assim compreende-se nas representações o não reconhecimento da estrutura macrossocial nas suas definições, sendo mais presentes aspectos micro social como a responsabilização da família.

A pesquisa possibilitou conhecer as principais formas de violência que ocorrem no interior das escolas pesquisadas, sendo elas a violência verbal em forma de desrespeito ao outro, xingamentos, brigas, agressões verbais á professores, bullying, brincadeiras que possuem teor agressivo.

Os casos de violência citados pelos os professores foram classificados conforme as categorias propostos por Charlot (2002) em violências da escola, na escola e a escola, fica perceptível a predominância da violência na escola como casos de armas brancas no interior da escola, brigas entre alunos que começou na rua e teve seu desenrolar no interior da escola, seguida da violência à escola, como agressão contra funcionário da escolar e sendo a violência da escola não citada por nenhum professor pesquisado, porem foi percebida na fala de um professor em relação como o aluno foi tratado pelo o professor.

Os dados citados acima revelam que a violência está presente no interior da escola, não sendo algo de teor grave mais que causam incômodos e desorganização do espaço escolar, portanto necessita ser compreendida para preveni-la, assim as principais práticas adotadas pelos professores como forma de prevenir a violência escolar consiste no diálogo, sendo este mecanismo se mostrado mais citado pelos os professores, já as práticas adotadas pelas escolas consiste em realização de projeto de combates as drogas e palestras, desta forma percebe que as escolas pesquisadas estão abertas ao diálogo e se utilizado menos mecanismos de punição.

Percebeu-se no decorrer deste trabalho que a temática da violência escolar se constitui pouco presente na sala de aula, sendo trabalhada somente quando ocorre algum fato, assim também como pouco reconhecimento pelo poder público, desta forma é perceptível que nem mesmo a secretaria de educação possui dados sobre a violência. Porém diante de todo o cenário apresentado os professores se mostram confiantes em vencer a violência escolar, pois o primeiro fato deles terem consciência da violência na escola já constitui um primeiro passo para elaboração de mecanismo que busquem superar este quadro.

REFERÊNCIAS

- ABRAMOVAY, Miriam. **Guia para estudantes: reflexões e práticas sobre violência e convivência escolar: Faça você mesmo**. Rio de Janeiro: Flasco- Brasil, 2018. Ebook. Disponível em: <http://flasco.org.br/files/2018/08/Guia-Estudantes.pdf>. Acesso em 03 de Maio de 2019.
- ABRAMOVAY, Miriam; RUA, Maria das Graças. **Violências nas escolas**. Brasília: UNESCO 2002. Disponível em: <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/ue000093.pdf>. Acesso em 10 de Setembro de 2018
- ABROMAVAY, Mrian.(coord). **Cotidiano das escolas: Entre violências**. Brasília: Unesco, Observatório de violências nas escolas, Ministério da Educação, 2006. Disponível: <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/ue000179.pdf>. Acesso em 10 de Setembro de 2018.
- ABROMOVAY, Mirian; Castro, M. **Caleidoscópio das violências na escola**. Brasília: Missão criança 2006.
- ABROMOVAY, Mirian; Cunha, Ana Lucia; Calaf, Priscila Pinto. **Revelando tramas descobrindo segredos: violência e convivência nas escolas**. Rittla- SEEDF, 2009.
- ADORNO, Sergio. Lima, Renato Sergio. B. Eliane. **O adolescente e as mudanças na criminalidade urbana**. São Paulo em perspectiva. V.13. N 4. 1999.
- AQUINO, Julio R. Groppa. **A desordem na relação professor- aluno: indisciplina, moralidade e conhecimento**. In Indisciplina na escola: alternativas teóricas e práticas/ organização julio Groppa Aquino. - São Paulo: summun, 1994
- AQUINO, Julio R. Groppa. **A violência escolar e a crise da autoridade docente**. Carderno Cedes, Campinas 1998.
- Brasil. Ministério da educação. **LDB- Lei de Diretrizes e Bases da Educacional**. 2018
- CARVALHO, Maria Regina Viveiros de. **Perfil do professor da educação básica**. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira, Brasília, 2018.
- CATELLI JR., R.; DI PIERRO, M. C.; GIROTTO, E. D. **A política paulistana de EJA: território e desigualdades**. São Paulo, Estudos em Avaliação Educacional, v. 30, n. 74, p. 454-484, maio/ago. 2019. Disponível em publicações FCC.org.br. Acesso em 15 de maio de 2020
- CHARLOT Bernadt. **A violência na escola: como sociólogos Franceses abordam essa questão**. Sociologia, Porto alegre, v. ano 4, n. jul-dez, p.432-442, 2002. Disponível em HTTP:// www.Scielo.org>. Acesso em 20 abril de 2018
- CHAUÍ, Marilena. **Ética e violência no Brasil**. Revista Bio e Thikos – Centro universitário São. Camilo. 2011.

CHAUÍ, Marilena. **Sobre a violência**. Escritos Marilena Chauí, v;5 1º ed- Belo Horizonte. Autentica editora. 2017

Derbabieux. E. **Violência nas escolas: um desafio mundial?** Lisboa: Instituto Piaget. 2006.

ELIAS, N. O processo civilizador: **Uma história dos costumes**. Tradução Ruy Jungman. Rio de Janeiro: Jorge Zahar 2º Ed., 1994, v I.

FERREIRA, A. **Impactos da violência na escola: um diálogo com professores**. In. Assis, Simone, Gonçalves; Constantino, Patrícia; Avancini, Joviana, Quintes. (org). **A escola e a rede de proteção de crianças e adolescentes**. Ministério da Educação. Rio de Janeiro. Editora Fiocruz, 2010. Disponível em <http://books.scielo.org/id/szv5t>. Acesso em 20/ 03/ 2018.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e Punir: Nascimento da Prisão**. Petrópolis: Editora Vozes, 1987.

Gil, Carlos Antônio. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. São Paulo. Editora Atlas 2008.

GOMES, Alberto Cândido. Etal. **A violência na ótica dos alunos do Distrito Federal**. Cadernos de pesquisa. Vol, 36, n,127, pag. 11-34, jan/ abril, 2006. <http://publicacoes.fcc.org.br/ojs/index.php/cp/article/view/409>. Acesso 17/05/2018

GUIMARAES, Âurea Maria. **Indisciplina e violência: a ambiguidade dos conflitos na escola**. In **Indisciplina na escola: alternativas teóricas e práticas/** organização Júlio, Groppa Aquino. - São Paulo: summuns, 1994.p 73-81.

GIORDANI, Jáqueline Portella; SFFner, Fernando e DELL'AGLIO, Débora Dalbosco. **Violência escolar: percepções de alunos e professores de uma escola pública**. Psicologia Escolar e Educacional, SP. Volume 21, Número 1, 2017. Disponível em: Scielo.br. Acesso 20/10/2019

IBGE- cidades Bacabal Panorama. 2020. Disponível em: [cidades ibge.gov.br](http://cidades.ibge.gov.br). Acesso em 15/05/2020

IBGE- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Pesquisa nacional de saúde escolar**. Rio de Janeiro: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística; 2015. Disponível em <https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv97870.pdf>. Acesso em 10/04/2018

INSTITUTO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS EDUCACIONAIS ANÍSIO TEIXEIRA (INEP). **Censo Escolar, 2019**. Brasília: MEC, 2020. <http://portal.inep.gov.br/censo-escolar>. Acesso 13/10/2020.

KUBOTA, Luís Claudio. **O peso do passado no futuro do trabalho: a transmissão Inter geracional do letramento**. IPEA, Nota técnica, nº 54. 2019. Disponível em: IPEA.gov.br. Acesso em 26/06/2020.

LÜDKE, M.; ANDRÉ, M. E. D. A. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: EPU, 1986.

MARRA, Célia Auxiliadora dos Santos. **Violência escolar: um estudo de caso sobre a percepção dos atores escolares a respeito dos fenômenos de violência explícita e sua repercussão no cotidiano da escola.** 2004. Dissertação (mestrado) – Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Programa de Pós-Graduação em Educação. Belo Horizonte.

MINAYO, M.C.S (org). Pesquisa social: **Teoria método e criatividade.** Petrópolis, Editora Vozes. 2002.

PENTEADO, Marcos Ramos. **Violência escolar: percepções de professores e alunos.** Dissertação (mestrado) – Universidade Nove de Julho - UNINOVE, São Paulo, 2015

PORTO, Maria Estela Grossi. A violência entre práticas e representações sociais: uma trajetória de pesquisa. **Revista sociedade e estado.** V, 30. Nº 1. Jan./ abril. 2015. Disponível em: <https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010269922015000100019&lng=pt&tlng=p>. Acesso em 15/05/2018.

ROMANELLI, Otaiza de oliveira. **História da educação no Brasil.** Petrópolis, Vozes. 1987.

RUOTTI, Caren. Alves Renato, CUBAS Viviane de Oliveira. **Violência na escola: um guia para pais e professores.** – São Paulo: Andhep: imprensa oficial do Estado de São Paulo, 2006. Disponível <https://nev.prp.usp.br/publicacao/violencia-nas-escolas-um-guia-para-pais-e-professores/>: Acesso em 12/04/2018.

RUOTTI, Caren. **Violência em meio escolar: fatos e representações na produção da realidade.** Educação e Pesquisa, São Paulo, v.36, n.1, p. 339-355, jan. /abr. 2010

Santos, José Vicente Tavares. **Conflitualidades social e ações civilizatórias.** Rev. Educação e Pesquisa. São Paulo, v,27, n1, p. 105-122, jan/ jun.2001.

SANTOS, José Vicente Tavares. **Violências e Dilemas do Controle nas sociedades na modernidade e tardia.** São Paulo em Perspectiva, 18 (1), 2004.

SECRETARIA DE SEGURANÇA PÚBLICA DO MARANHÃO. Dados sobre a atuação da ronda escolar na região Metropolitana. Pm,ssp, Ma.gov. 15agos,2017. Disponível em: <https://pm.ssp.ma.gov.br/dados-sobre-a-atuacao-ronda-escola-na-regiao-metropolitana/> Acesso em 21/09/2020.

SCHILLING, Flavia. **Direitos, violência, justiça, reflexões.** 2012. Tese (Livre-Docência) – Departamento de Filosofia da educação e ciência. Faculdade de educação da universidade de São Paulo, 2012.

SILVA, Joyce Mary .Adam, Paula. SALLES, Leila M aria Ferreira: **imaginário, cultura, global e violência escolar.** orgs. Jovens, violência e escola: um desafio contemporâneo: Editora UNESP; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2010.

SPOSITO, M.P. **Um breve balanço sobre a violência escolar no brasil.** Educação e pesquisa, São Paulo, N104, p.58-75, jan.\ jun. 2001.

TIGRE, Maria das Graças do Espírito Santo. **Escola, juventude e violência: um estudo no ensino médio**. Tese- são Carlos: UFSCAR, 2013.

Unidade de ensino Fundamental Urbano Santos. **Proposta pedagógica**. 2020

ZALUAR, A. e LEAL, M. C. **Violência extra e intramuros**. Revista Brasileira de Ciências Sociais, v. 16, n. 45, p. 145-164, fev. 2001.

ZALUAR, Alba. **Um debate dispenso: violência e crime no Brasil**. In violência e mal-estar na sociedade. São Paulo em perspectiva. V. 13. 1999.

ZECHI, Juliana Aparecida Matias. **Violência e indisciplina em meio escolar: aspectos teórico metodológicos da produção acadêmica no período de 2000 a 2005**. 2008.

Dissertação de (mestrado)- Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Tecnologia.

ANEXOS

ANEXO A - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido**TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO**

Prezado (a) Senhor (a):

Você está sendo convidado (a) a participar, como voluntário (a), da pesquisa intitulada: Violência escolar: representações de professores do ensino fundamental de Bacabal. Desenvolvida pela acadêmica Girlene Bezerra da Silva do Curso de Licenciatura em Ciências Humanas-Sociologia da Universidade Federal do Maranhão - UFMA. Este estudo tem a finalidade Compreender as representações sobre a violência escolar a partir do olhar dos professores do ensino fundamental. Esta pesquisa é orientada pela professora Maria José dos santos, a quem poderá consultar a qualquer momento que julgar necessário através do telefone nº 9981458409 ou e-mail mary.jsantos@yahoo.com.br.

Sua participação nesta pesquisa consistirá na colaboração para responder questionário semiestruturado com duração média de vinte minutos sem a ocorrência de quaisquer riscos.

Os dados obtidos por meio desta pesquisa serão confidenciais e não serão divulgados em nível individual, visando assegurar o sigilo de sua participação. o pesquisador responsável se comprometeu a tornar públicos nos meios acadêmicos e científicos os resultados obtidos de forma consolidada sem qualquer identificação de indivíduos participantes. Por ocasião da publicação dos resultados, seu nome será mantido em sigilo absoluto.

Sua participação não é obrigatória. A qualquer momento, você poder vir á desistir de participar e retirar seu consentimento. Caso decida não participar do estudo, ou resolver a qualquer momento desistir do mesmo, não sofrerá nenhum dano. A pesquisadora estará a sua disposição para qualquer esclarecimento que considere necessário em qualquer etapa da pesquisa. O acesso e a análise dos dados coletados se farão apenas pelo (a) pesquisador (a) e/ou seu(s) orientador (es) / coordenador(es).

Atesto recebimento de uma cópia assinada deste Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, conforme recomendações da Comissão Nacional de Ética em Pesquisa (CONEP).

Assinatura da pesquisadora responsável

Considerando, que fui informado (a) dos objetivos e da relevância do estudo proposto, de como será minha participação, dos procedimentos e riscos decorrentes deste estudo, declaro o meu consentimento em participar da pesquisa, como também concordo que os dados obtidos na investigação sejam utilizados para fins científicos (divulgação em eventos e publicações).

Caso você concorde em participar desta pesquisa, assine ao final deste documento, que possui duas vias, sendo uma delas sua, e a outra, da pesquisadora responsável / orientadora da pesquisa.

Bacabal-MA, ____ de _____ de _____

Nome do Participante da Pesquisa

Assinatura do participante ou responsável legal

Assinatura do Pesquisador

Assinatura do Orientador

APÊNDICES

APÊNDICE B - Questionário aplicado aos alunos**Sobre você**

Qual a sua idade

Qual o seu Sexo?

Qual a sua cor?

Sobre seus pais e família

Qual a escolaridade do seu pai:

nunca estudou fundamental 1º a 5º serie fundamental 6º a 9º ano

ensino médio ensino superior

Qual a escolaridade da sua mãe:

nunca estudou fundamental 1º a 5º serie fundamental 6º a 9º ano

ensino médio ensino superior

Você mora em qual bairro de Bacabal?

Somando todas as rendas da sua família vocês alcançam

menos de 1 salário mínimo até 1 salário mínimo

de 2 a 3 salário mínimo de 3 a 6 salário mínimo

Sobre você e a escola

Você já teve alguma reprovação na escola ao longo de sua vida?

Quais as disciplinas que você tem mais dificuldade?

Você gosta da escola?